



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

DENILSON RAFAEL DA SILVA SANTOS

**O CEMITÉRIO CONVIDA: UM ESTUDO SOBRE DOCUMENTO,
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA EM SANTA RITA/PB**

**JOÃO PESSOA
2025**

DENILSON RAFAEL DA SILVA SANTOS

**O CEMITÉRIO CONVIDA: UM ESTUDO SOBRE DOCUMENTO,
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA EM SANTA RITA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado à Coordenação do curso de graduação em Arquivologia do Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Efun
Lourenço e Lima de Santa Rita

JOÃO PESSOA
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237c Santos, Denilson Rafael da Silva.

O cemitério convida: um estudo sobre documento, memória e patrimônio em Santa Rita/PB / Denilson Rafael da Silva Santos. - João Pessoa, 2025.
112 f. : il.

Orientação: Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Arquivologia. 2. Cemitérios. 3. Santa Rita/PB. 4. Documento. 5. Memória. I. Santa Rita, Valdir Efun Lourenço e Lima de. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 930.25(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

FOLHA Nº 4 / 2025 - CCSA - CARQ. (11.01.13.08)

Nº do Protocolo: 23074.043183/2025-54

João Pessoa-PB, 07 de Maio de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DENILSON RAFAEL DA SILVA SANTOS

O CEMITÉRIO CONVIDA: UM ESTUDO SOBRE DOCUMENTO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA EM SANTA RITA/PB

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação: 29 de abril de 2025

Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA:

Assinam eletronicamente esse documento os membros da banca examinadora, a saber: Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita (orientador) e Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (membro interno). A banca teve como membro externo o Prof. Me. Herick Dayann Morais de Meneses (Mestre em História pela UFPB).

(Assinado digitalmente em 08/05/2025 11:10)

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA
PRO-REITOR(A)
Matrícula: 3116045

(Assinado digitalmente em 08/05/2025 21:56)

VALDIR EFUN LOURENÇO E LIMA DE SANTA RITA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 3304182

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **4**, ano: **2025**, documento(espécie): **FOLHA**, data de emissão: **07/05/2025** e o código de verificação: **0496787989**

*A minha querida esposa Villeny Felix e a
minha filha Mariana Felix, **dedico!***

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que é o centro de toda a minha vida e caminhada acadêmica, me dando força, sabedoria e perseverança para superar os desafios e chegar a este momento tão importante da minha vida.

À minha esposa, Villeny Felix, pelo amor, paciência e apoio incondicional em cada etapa desta jornada. Sua compreensão e incentivo foram essenciais para que eu pudesse seguir firme até aqui. À minha filha, Mariana Felix, que, com a sua alegria e carinho, me motivou a continuar e a dar o meu melhor a cada dia.

Aos meus familiares, que sempre acreditaram no meu potencial e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, oferecendo apoio e palavras de encorajamento.

Aos (as) meus professores (as) e em especial ao meu orientador Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, que com dedicação e conhecimento me guiaram neste percurso acadêmico, transmitindo não apenas ensinamentos técnicos, mas também valores que levarei para toda a vida.

Aos (as) colegas de curso e amigos (as) que compartilharam essa caminhada comigo, trocando experiências, desafios e conquistas, tornando essa trajetória mais leve e enriquecedora.

A Denival Souza da Silva (Diretor de Divisão de Cemitério) por toda boa vontade em contribuir com a pesquisa, buscando informações junto a Secretaria de Administração e nos fornecendo os dados solicitados dentro de suas possibilidades.

A banca examinadora pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições e pelo olhar crítico e generoso dedicado a este trabalho. Suas observações enriqueceram o estudo e ampliaram minha compreensão sobre o tema. É uma honra poder contar com profissionais tão competentes. Meu profundo respeito e gratidão a cada um de vocês.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para minha formação como arquivista, minha eterna gratidão.

*Carrego meus mortos do lado esquerdo... por isso caminho
meio de banda.*

Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

Este trabalho demonstra a relevância dos túmulos dos cemitérios da cidade de Santa Rita/PB como documentos arquivísticos e patrimoniais para a preservação e importância da memória coletiva. A pesquisa possui uma abordagem metodológica qualitativa descritiva, bibliográfica, documental e de campo, analisando as condições, características e outros aspectos dos túmulos. Nosso corte teórico aborda os principais conceitos arquivísticos sobre documentos/arquivos, patrimônio e memória. A questão problema que foi um norte desta pesquisa pautou-se na pergunta: **Os túmulos podem ser considerados documentos/patrimônio para salvaguarda da memória?** Para isso, foram traçados objetivos específicos, como o mapeamento dos cemitérios da cidade, a investigação das condições de preservação dos túmulos e a análise de seu valor histórico e cultural. Esperamos que a partir deste estudo possamos ampliar a compreensão arquivística sobre documentos não convencionais, além disso, propõe um olhar diferenciado para os cemitérios, não apenas como espaços de morte, mas como repositórios vivos de memória e identidade, carregando narrativas que conectam o passado ao presente.

***Palavras-chave:** Arquivologia, Cemitérios, Santa Rita-PB, Documento, Memória

ABSTRACT

This work demonstrates the relevance of tombs in cemeteries in the city of Santa Rita/PB as archival and heritage documents for the preservation and importance of collective memory. The research has a qualitative descriptive, bibliographic, documentary and field methodological approach, analyzing the conditions, characteristics and other aspects of the tombs. Our theoretical section addresses the main archival concepts about documents/archives, heritage and memory. The problem question that guided this research was based on the question: Can tombs be considered documents/heritage to safeguard memory? To this end, specific objectives were outlined, such as mapping the city's cemeteries, investigating the preservation conditions of tombs and analyzing their historical and cultural value. We hope that from this study we can expand the archival understanding of unconventional documents, in addition, it proposes a different look at cemeteries, not just as spaces of death, but as living repositories of memory and identity, carrying narratives that connect the past to the present.

***Keywords:** Archivology, Cemeteries, Santa Rita-PB, Document, Memory

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 - Cruzeiro das Almas-Cemitério Santana I-Centro de Santa Rita década de 1960.	16
Foto 2 - Centro de Santa Rita.	36
Foto 3 - Mercado Público de Santa Rita	37
Foto 4 - Frente do Cemitério Santana I.	44
Foto 5 – Rua Principal do Cemitério Santana I, com vista para a capela	46
Foto 6 - Túmulo do Cemitério Santana I.	47
Foto 7 - Túmulo do Cemitério Santana I.	48
Foto 8 - Túmulo do Cemitério Santana I.	50
Foto 9 - Frente do Cemitério Santa Almas do Purgatório.	51
Foto 10 - Túmulos do Cemitério Santa Almas do Purgatório.	52
Foto 11 - Frente do Anexo dos Cemitérios Santana I/Santa Almas do Purgatório.	55
Foto 12 - Frente do Cemitério Santo Antônio.	56
Foto 13 – Inauguração do Cemitério Santo Antônio.	56
Foto 14 - Túmulos do Cemitério Santo Antônio.	57
Foto 15 - Túmulos do Cemitério Santo Antônio.	58
Foto 16 - Frente do Anexo do Cemitério Santo Antônio.	60
Foto 17 - Frente do Cemitério São José de Arimatéia.	62
Foto 18 - Túmulo do Cemitério São José de Arimatéia.	63
Foto 19 - Túmulo do Cemitério São José de Arimatéia.	64
Foto 20 - Frente do Cemitério da Elevação.	66
Foto 21 - Túmulos do Cemitério da Elevação.	66
Foto 22 - Frente do Cemitério São Francisco de Assis.	68
Foto 23 – Cruz do túmulo do cemitério São Francisco de Assis	69
Foto 24 - Túmulos do Cemitério São Francisco de Assis.	70
Foto 25 - Frente do Cemitério Nossa Senhora do Livramento.	72
Foto 26 -Túmulos do Cemitério Nossa Senhora do Livramento.	73
Foto 27 - Frente do Cemitério São José.	75
Foto 28 - Frente do Cemitério São José.	76

Foto 29 - Túmulos do Cemitério São José.	77
Foto 30 - Frente do Cemitério Parque Campo das Palmeiras (Privado).	78
Foto 31 - Parte Interna do Cemitério Parque Campo das Palmeiras (Privado).	79
Foto 32 - Frente do Cemitério Abandonado.	80
Foto 33 - Lápides de Túmulo do Cemitério Abandonado.	82
Foto 34 - Túmulos do Cemitério Abandonado.	83
Foto 35 - Tumulo do cemitério Santana I	96
Foto 36 - Tumulo do cemitério Santana I	97
Foto 37 - Tumulo do cemitério Santana I	98
Foto 38 - Tumulo do cemitério Santana I	99
Foto 39 - Tumulo do cemitério Santana I	100
Foto 40 - Tumulo do cemitério Santa Almas do Purgatório	101
Foto 41 - Parte interna da capela do cemitério Santana I	102
Foto 42 - Cruzes para túmulos do cemitério São José de Arimateia	103
Foto 43 - Túmulo do cemitério São José de Arimateia	104
Foto 44 - Túmulo do cemitério da Mumbaba (Abandonado)	105
Foto 45 - Túmulo do cemitério da Mumbaba (Abandonado)	106
Foto 46 - Parte interna do cemitério São Francisco de Assis	107
Foto 47 - Parte interna da capela do cemitério Santo Antônio	108
Foto 48 - Cruzeiro do cemitério Nossa Senhora do Livramento	109
Foto 49 - Cruzeiro do cemitério São Francisco de Assis	110
Foto 50 - Cruzeiro do cemitério São Francisco de Assis	111
Foto 51 - Cruzeiro do cemitério São Francisco de Assis	112
Foto 52 - Pesquisa em campo	113
Foto 53 - Pesquisa em campo	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DOCUMENTO CONVENCIONAL / DOCUMENTO NÃO CONVENCIONAL	26
QUADRO 2 - CEMITÉRIOS DE SANTA RITA/PB	41

SUMÁRIO

1 “CEMITÉRIO É PRAÇA LINDA, MAS NINGUÉM QUER PASSEAR”: PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	15
1.1 “O ACASO VAI ME PROTEGER, ENQUANTO EU ANDAR DISTRAÍDO”: ESTRUTURA DA MONOGRAFIA	19
1.2 “CHAVÃO ABRE PORTA GRANDE”: PERCURSO METODOLÓGICO	20
2 ARQUIVOS, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, CEMITÉRIOS, SANTA RITA-PB: CORTE TÉORICO	25
2.1 OS CEMITÉRIOS NO BRASIL, POR UM BREVE PERCURSO	30
2.2 SANTA RITA: DOS CANAVIAIS, DAS ÁGUAS MINERAIS, DO PATRIMÔNIO	34
3 CEMITÉRIOS VIVOS: UM ESTUDO SOBRE LUGARES DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DE DOCUMENTOS/MONUMENTOS FUNERÁRIOS	40
3.1 CEMITÉRIO SANTANA I	44
3.2 CEMITÉRIO SANTAS ALMAS DO PURGATÓRIO.....	51
3.3 ANEXO SANTANA I I.....	54
3.4 CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO	55
3.5 ANEXO DO CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO	59
3.6 CEMITÉRIO SÃO JOSÉ DE ARIMATÉIA.....	61
3.7 CEMITÉRIO DA ELEVAÇÃO	65
3.8 CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS	67
3.9 CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO	71
3.10 CEMITÉRIO SÃO JOSÉ- LEROLÂNDIA	74
3.11 CEMITÉRIO PARQUE CAMPO DAS PALMEIRAS (PRIVADO)	78
3.12 CEMITÉRIO DA MUMBABA (ABANDONADO)	80
4 “NO FIM TUDO DÁ CERTO E SE NÃO DEU CERTO, É POR QUE NÃO CHEGOU AO FIM”: CONSIDERAÇÕES PÓS-MORTE	84
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	96
APÊNDICE A	96
APÊNDICE B.....	97
APÊNDICE C	98
APÊNDICE D	99
APÊNDICE E.....	100

APÊNDICE F.....	101
APÊNDICE G.....	102
APÊNDICE H.....	103
APÊNDICE I.....	104
APÊNDICE J.....	105
APÊNDICE K.....	106
APÊNDICE L.....	107
APÊNDICE M.....	108
APÊNDICE N.....	109
APÊNDICE O.....	110
APÊNDICE P.....	111
APÊNDICE Q.....	112
APÊNDICE R.....	113
APÊNDICE S.....	114

1. “CEMITÉRIO É PRAÇA LINDA, MAS NINGUÉM QUER PASSEAR”¹: PARA INÍCIO DE CONVERSA

Sei que amanhã, quando eu morrer
Os meus amigos vão dizer
Que eu tinha um bom coração

Alguns até hão de chorar
E querer me homenagear
Fazendo de ouro um violão
(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Os estudos arquivísticos voltados para cemitérios têm ganhado crescente relevância nas últimas décadas, abordando aspectos tanto históricos quanto culturais. Mas na verdade, pouco ou quase nada há na Arquivologia sobre arquivos cemiteriais, embora outras ciências tenham feito abordagens sobre cemitérios, a exemplo da história, arqueologia, arquitetura, sociologia e mesmo o turismo, mas, para nós arquivistas, faltava a coragem de adentrar os portões dos cemitérios. Agora pedimos licença, estamos chegando também.

Dentre alguns trabalhos pesquisados em repositórios institucionais, bibliotecas digitais, portais de periódicos, encontramos os trabalhos de Luiz Camargo (2007), Fabíola Bezerra e José Bezerra (2013) e Rachel Araújo (2018), sinalizando um dos primeiros passos da Arquivologia onde trouxeram os cemitérios como objetos de pesquisas.

O Ministério da Saúde, publicou em 2003 uma cartilha intitulada Declaração de Óbito-Manual de instruções para preenchimento, podendo ser considerado um marco para a gestão de documentos cemiteriais e abrir espaço para estudos na área. Os arquivos gerados nos cemitérios contêm registros de falecimentos, documentos administrativos, certidões e outras informações essenciais que, além de sua função documental, constituem parte importante da memória coletiva de uma territorialidade.

A pesquisa foi realizada nos cemitérios da cidade de Santa Rita-PB, localizada na região metropolitana da capital João Pessoa/PB. Santa Rita que possui oito cemitérios públicos, com dois anexos, um desativado e um da iniciativa privada. Alguns deles são de grande importância histórica, que refletem em seus documentos traços culturais, econômicos e sociais da região, embora não exista um sistema eletrônico de gestão de arquivos, sendo-os todos físicos e sem profissionais especializados para o exercício. Esses

¹ Domínio público.

arquivos revelam informações que vão além do campo da funerária, contudo, nosso foco não está nos arquivos tradicionais como os papéis, as fotografias etc.

Foto 1: Cruzeiro das Almas-Cemitério Santana I-Centro de Santa Rita, década de 1960



Fonte: Série Postais Históricos-Ong Encumbe.

No interior dos cemitérios, temos uma diversidade de riqueza visual, contrastando meio ambiente e concretos, proporcionando um banco de dados que colaboram para a preservação da memória e da identidade de uma comunidade, esperando por olhares que os transformem em informação. Comprovando essa premissa, Fabiola Bezerra e José Bezerra (2013, p.2), afirmam que:

[...] Arquivos de cemitérios são fontes riquíssimas de informações que remetem ao resgate da memória de uma cidade sobre diferentes perspectivas, é possível compreender a composição socioeconômica e cultural de uma região, a partir do registro dos seus mortos, constituindo-se ótima fonte de pesquisa histórica.

Sobre a diversidade de documentos/arquivos, a exemplo dos cemiteriais, a arquivologia, como área que se dedica ao estudo e à gestão de documentos, tem evoluído ao longo do tempo, ampliando seu objeto de estudo para além dos arquivos convencionais e reconhecendo a importância de diferentes tipos de documentos na construção da memória e identidade. Dentro desse contexto, os arquivos cemiteriais emergem como um campo de análise ainda pouco explorado, mas que oferece uma vasta fonte de informações sobre a sociedade, a história e as práticas culturais de diferentes períodos.

O interesse pelo tema se deu a partir do momento em que percebi que a Arquivologia, enquanto campo de estudo, tem se dedicado cada vez mais a compreender as diversas formas de documentos e os processos de preservação da memória. Dentre esses tipos de documentos, os arquivos cemiteriais são frequentemente negligenciados, apesar de sua relevância histórica e social. A motivação pessoal para a escolha desse tema surgiu da percepção de que os cemitérios, além de serem espaços de sepultamento, são também repositórios de informações valiosas sobre a sociedade, suas práticas culturais, religiosas e até políticas ao longo do tempo. Ao observar a riqueza contida nos túmulos, percebi que eles desempenham um papel importante na preservação de memórias individuais e coletivas, sendo, portanto, merecedores de uma análise mais aprofundada dentro do campo da Arquivologia.

Na Arquivologia há ainda muito o que se produzir sobre a diversidade de possibilidades de se trabalhar em instituições arquivísticas que não apenas nas públicas, havendo as privadas, as do terceiro setor e as possibilidades de empreendedorismo como as consultorias especializadas em gestão de documentos etc. Outra problemática que elencamos, refere-se à própria noção de documentos e de arquivos, mesmo na Arquivologia, faz-se necessário uma compreensão mais larga. Há outros documentos além dos que têm como suporte os papéis ou os nascidos digitais, sim, monumentos também são documentos. Rachel Araújo (2018, p.21) em seu trabalho intitulado “Tem lugar para nós [manuscrito]: Um retrato das covas rotativas nos cemitérios de João Pessoa na busca pela informação do outro lado do arquivo.” Teve como lócus investigativos os cemitérios de João Pessoa. Segundo a mesma:

Desse modo, o arquivista deve cumprir seu papel social como agente interveniente das muitas verdades reveladas ao mundo, a partir das informações documentais que transpassam as fronteiras do arquivo, intervindo com ações de auxílio a informação para estas famílias usuárias destes espaços coletivos nos cemitérios de João Pessoa, para a reconstrução da sociedade pós-moderna marginalizada pelo poder dominante. (RACHEL ARAÚJO, 2018, P.21)

Neste sentido, realizando uma reflexão dentro da temática da valorização dos arquivos cemiteriais, elaboramos a pergunta norteadora desta pesquisa: **Os túmulos podem ser considerados documentos/patrimônio para salvaguarda da memória?**

Ao investigar esses arquivos, esta pesquisa busca não apenas apresentar um estudo sobre o valor histórico e cultural, mas também contribuir para o desenvolvimento de metodologias e práticas que possam orientar estudos futuros e estimular o interesse pela conservação e acessibilidade desses documentos. Com isso, espera-se estimular a realização de novas investigações que possam explorar, de forma mais abrangente, a função dos cemitérios como espaços de memória e de registro histórico, ressaltando a importância de preservar esses arquivos para as gerações futuras e garantir que continuem acessíveis para pesquisa e valorização histórica.

Dentre as justificativas desta pesquisa, entendemos que diante da relevância dos arquivos cemiteriais como fontes de memória, identidade cultural e patrimônio, este trabalho insere-se numa perspectiva de se buscar novos olhares sobre o papel das pessoas profissionais em arquivos, bem como, de se conhecer outras possibilidades de se fazer gestão documental, outras formas de se pensar sobre a organização documental, de se conhecer os cemitérios da cidade de Santa Rita/PB, fazendo uma reflexão sobre a natureza dos arquivos cemiteriais e a considerar os túmulos não apenas como marcos de memória pessoal, mas como documentos arquivísticos que carregam informações valiosas sobre pessoas, famílias e territorialidade. Uma vez realizada a pesquisa, acreditamos que ela pode contribuir para o aprimoramento das práticas de gestão documental nesses arquivos, com base nas melhores práticas arquivísticas e nas necessidades observadas durante a pesquisa.

Esta pesquisa tem como **Objetivo Geral**: Analisar os túmulos enquanto documentos arquivísticos/patrimoniais para a preservação da memória coletiva. Com isso, para garantir o alcance deste objetivo maior, foram definidos os seguintes **Objetivos Específicos**:

- A. Mapear os cemitérios públicos e privados, ativos e inativos da cidade de Santa Rita, buscando construir um catálogo com informações sobre essas instituições;
- B. Caracterizar a situação atual dos cemitérios e dos túmulos de Santa Rita/PB, referente às condições de preservação, conservação bem como as suas características;
- C. Evidenciar o valor histórico e cultural dos túmulos enquanto documentos arquivísticos, observando como os elementos contidos nesses registros (inscrições, datas, símbolos, entre outros) que refletem aspectos da sociedade local e contribuem para a construção da memória histórica de Santa Rita/PB

Ao longo das seções, serão apresentadas reflexões teóricas sobre a importância dos registros cemiteriais que poderão contribuir para o aprimoramento da gestão arquivística, com o intuito de valorizar o patrimônio cultural da comunidade e a memória coletiva.

1.1 “O ACASO VAI ME PROTEGER, ENQUANTO EU ANDAR DISTRAÍDO”²: A ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Quanto a organização do trabalho, foi dividido em seções a saber:

1. **“CEMITÉRIO É PRAÇA LINDA, MAS NINGUÉM QUER PASSEAR”:**
PARA INÍCIO DE CONVERSA, em que consta a introdução com informações sobre o objeto de estudo, como também os objetivos gerais e específicos, justificativas e metodologias aplicadas na pesquisa;
2. **ARQUIVOS, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, CEMITÉRIOS, SANTA RITA-PB: CORTE TEÓRICO**, onde apresentaremos todo nosso referencial teórico, dentro dos campos de arquivo/documento, memória e patrimônio, como também abordaremos sobre cemitérios e sobre a história da cidade de Santa Rita/PB;
3. **CEMITÉRIOS VIVOS: UM ESTUDO SOBRE LUGARES DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DE DOCUMENTOS/MONUMENTOS FUNERÁRIOS**, onde apresentaremos a nossa análise/resultados da pesquisa através de um catálogo com todos os cemitérios da cidade;

² Música Epitáfio, composta por Sérgio Britto. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/titas/48968/>

4. **“NO FIM TUDO DÁ CERTO E SE NÃO DEU CERTO, É POR QUE NÃO CHEGOU O FIM”**: CONSIDERAÇÕES PÓS MORTE, onde o trabalho é encerrado, tecendo algumas considerações e por fim, apresentaremos as **REFERÊNCIAS** e os **APÊNDICES** com algumas imagens que foram registradas na pesquisa de campo.

Durante o decorrer da pesquisa, foram realizados registros com imagens que demonstram a comprovação da mesma, como também, estimula futuras pesquisas sobre o tema. Seguiremos apresentando nosso corte metodológico.

1.2 “CHAVÃO ABRE PORTA GRANDE”³: O PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo começa a partir de uma revisão literária realizada no período dos meses de abril de 2024 até abril de 2025. Quanto à abordagem empregada trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica, documental e de campo. O procedimento para o levantamento dos dados se deu através de leitura em artigos, sites, livros, bases de dados, como também foram realizadas ações em campo.

A pesquisa, segundo João Fonseca (2002, p. 20), “possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado.” Já para Eva Lakatos e Marina Marconi (1987, p. 15) a pesquisa pode ser considerada um “procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir a verdade parcial.” Ainda segundo Francisco Borba (2004, p. 1.067) a pesquisa é entendida como “ação de pesquisar, busca, investigação; trabalho científico que registra os resultados de uma investigação”.

Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006), defendem que a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Conforme Maria Minayo (2014) a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Ainda segundo José Neves (1996, p. 1): “[...] é um conjunto de

³ Música Chavão Abre Porta Grande, composta por Itamar Assumpção e Ricardo Guará. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/itamar-assumpcao/272417/>

diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social [...].

Para Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Segundo Martin Bauer e George Gaskell (2008), toda pesquisa qualitativa busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial, mas, sobretudo, objetiva conhecer a maneira como as pessoas se relacionam com seu mundo cotidiano. Para Maria Minayo (2014) a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A pesquisa descritiva para Edna Silva & Estera Menezes (2000), envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e observação sistemática. Para Antônio Gil (1991), a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial descrever as características de um fenômeno ou população. Ainda segundo Edna Silva & Estera Menezes (2000, p.21), “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.”

A pesquisa bibliográfica, para José Fonseca (2002, p. 31), “se dá a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de webs.” De acordo com Vera Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. Ainda segundo Antônio Gil (1994, p. 71), “a principal vantagem de pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquele que poderia pesquisar diretamente.” Já a pesquisa documental, para José Fonseca (2002), é um tipo de pesquisa que utiliza fontes primárias, ou seja, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente. Para Elisabete Pádua (1997, p. 62):

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. [...]

Segundo o posicionamento de Maria Oliveira (2007, p. 69) sobre a pesquisa documental: “a pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como, reportagens de jornais, revistas, cartas, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Na pesquisa de campo, conforme Rosalia Duarte (2002), é uma busca feita por um pesquisador, cujo olhar dirige-se para locais já conhecidos por muitos, mas, sempre, com uma maneira diferente de olhar e de pensar determinada realidade a partir da experiência e da apropriação do conhecimento. Ainda, segundo Elisa Gonçalves (2001. P. 67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorreu, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. [...]

De acordo com Maria Minayo (1994, p. 53), a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Isto é o mesmo que dizer: é a escolha de uma área para aplicar a teoria da pesquisa.

A nossa pesquisa começou desde o momento em que definimos o objeto. O nosso olhar para esses equipamentos a princípio, da morte foi, foi mudando e compreendemos que há vida também nos cemitérios e que os túmulos são documentos que registram acontecimentos e momentos, páginas da história de uma comunidade, de uma sociedade datada, mas que pode perpassar séculos, milênios. Que abriga corpos de pessoas com trajetórias simples, comuns e também, pessoas célebres daquele lugar. Que abriga corpos invisíveis, ignorados pelo Estado e por parentes, corpos enterrados nos corredores das alamedas por falta de recursos para se comprar um meio fio, como são chamadas as covas rasas. Essas percepções ampliaram a nossa compreensão sobre os documentos arquivísticos, sobre a nossa própria noção de arquivos.

Após a decisão pelo objeto, vieram as pesquisas bibliográficas, os passeios pela web em busca de trabalhos em repositórios institucionais, em bancos de dissertações, teses etc. Foi um percurso bastante prazeroso, desconstruindo nossas próprias visões estereotipadas sobre os cemitérios, abrindo horizontes de possibilidades, descobrindo

trabalhos sobre. Quanto à pesquisa documental, está se deu dentro da própria pesquisa de campo, visto que os documentos eram os túmulos, as lápides e os próprios cemitérios.

A pesquisa de campo foi realizada no período de dezembro de 2024, nos cemitérios da cidade de Santa Rita, com o objetivo de mapear/catalogar todos os logradouros cemiteriais da cidade, bem como, observar e analisar os túmulos enquanto documentos arquivísticos. Foram realizadas visitas sistemáticas aos locais, onde foram observados e registrados túmulos enquanto documentos arquivísticos, com o objetivo de analisar sua relevância como fonte de memória e informação. Durante as visitas, foram coletados dados sobre as características físicas, inscrições, simbologias e outros elementos presentes nos túmulos, utilizando técnicas de registro fotográfico e anotações diversas.

Quanto a metodologia para a coleta de dados, utilizamos um transporte próprio, construímos um roteiro dos logradouros a serem visitados e devido à grande extensão territorial da cidade, buscamos otimizar o tempo numa rota que partiu do Centro para a zona sul e depois para as demais zonas geográficas, com paradas para as refeições, onde avaliamos o percurso já feito e o que ainda restava e tudo isto com muito entusiasmo em dias de verão com um sol escaldante. Após sairmos dos cemitérios do Centro, fomos para os cemitérios mais distantes, a exemplo do que fica localizado em Cicerolândia, bairro da zona rural que faz fronteira com a cidade de Pedras de Fogo, última cidade da Paraíba que faz divisa com Pernambuco. Fomos também num outro extremo, nos bairros da Ribeira e no Distrito de Nossa Senhora do Livramento, que faz fronteira com Cabedelo e em Lerolândia, que faz fronteira com Lucena. Além do catálogo com os nomes e bairros onde ficam os cemitérios de Santa Rita, trouxemos também um mapa temático, através da utilização do Google Maps, com as convenções cartográficas sobre os cemitérios e suas representações locais.

Após as etapas de levantamento de dados bibliográfico e documental, partimos para a leitura dos trabalhos arrolados, a busca de imagens relacionadas e o tratamento das imagens que conseguimos captar. Solicitamos também na administração central dos cemitérios junto a Prefeitura de Santa Rita, os dados sobre os decretos que criaram os cemitérios junto a Câmara Municipal de Santa Rita: Casa do Prefeito Antônio Teixeira, mas por parte da Câmara Municipal, não obtivemos as respostas em tempo hábil para o encerramento do trabalho, deixando algumas lacunas quanto as datas de fundação de alguns cemitérios, mas, é fato que continuaremos pesquisando sobre os mesmos. Por fim,

com todos esses ingredientes que conseguimos ter acesso, iniciamos a produção escrita deste trabalho.

2. ARQUIVOS, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, CEMITÉRIOS, SANTA RITA-PB: CORTE TÉORICO

Mas depois que o tempo passar
Sei que ninguém vai se lembrar
Que eu fui embora

Por isso é que eu penso assim
Se alguém quiser fazer por mim
Que faça agora
(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Na arquivologia, que é uma “Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos” conforme o Dicionário de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 27), possuímos a legislação de arquivos no Brasil, a lei 8.159/1991 que define os arquivos como “o conjunto de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos ou privados, em consequência do exercício de suas atividades específicas, por pessoas físicas ou jurídicas, independente do suporte de informação e da natureza dos documentos.”

O estudo dos túmulos enquanto documentos arquivísticos remonta ao reconhecimento dos cemitérios não apenas como espaços de sepultamento, mas também como importantes repositórios de dados que refletem aspectos sociais, religiosos, econômicos e familiares de uma comunidade.

Historicamente, os túmulos e lápides têm sido utilizados para registrar informações sobre as pessoas falecidas, tais como nomes, datas de nascimento e morte, ocupações e até mesmo as crenças e valores daquelas que os erigiram. Essa função de preservação de dados, somada ao caráter simbólico e memorial dos túmulos, faz com que eles se qualifiquem como documentos arquivísticos, sujeitos aos mesmos princípios de organização, preservação e acessibilidade que regem outros tipos de arquivos.

A compreensão dos túmulos enquanto documentos arquivísticos exige uma análise multidisciplinar, que envolve os conceitos de arquivo, memória e patrimônio. Luciana Duranti (1994, p. 2), define o documento de arquivo como: “qualquer documento criado, produzido ou recebido e reservado para uma ação, por uma pessoa física ou jurídica no curso de uma atividade como um instrumento ou subproduto de tal atividade”. O arquivo, enquanto instituição e prática, é responsável pela gestão, preservação e organização de documentos que guardam informações significativas sobre a história e a sociedade. Os túmulos, nesse contexto, podem ser vistos como registros materiais e

simbólicos que carregam informações valiosas sobre a identidade e a memória coletiva de uma comunidade. Eles não são apenas locais de sepultamento, mas também repositórios de histórias pessoais e coletivas, refletindo as relações sociais, culturais e religiosas de um determinado período.

QUADRO 1 – DOCUMENTO CONVENCIONAL / DOCUMENTO NÃO CONVENCIONAL

Critério	Documento Convencional	Documento Não Convencional
Definição	Documento tradicionalmente aceito nos sistemas formais de arquivo, com estrutura reconhecida.	Documento que não segue os padrões tradicionais de registro ou suporte.
Suporte físico	Papel, microfilme, formulário impresso.	Objeto tridimensional, fotografia, vídeo, áudio, artefato digital, entre outros.
Finalidade principal	Registro administrativo, jurídico ou técnico.	Registro de experiências, memórias, manifestações culturais.
Forma de produção	Formal, padronizada, por instituições ou órgãos oficiais.	Pode ser informal, espontânea, por indivíduos ou grupos diversos.
Exemplos	Atas, contratos, certidões, relatórios, memorandos.	Fotografias familiares, objetos pessoais, vídeos caseiros, cartas, grafites.
Tratamento arquivístico	Processos padronizados de classificação, descrição e conservação.	Pode requerer métodos específicos ou adaptados, como conservação de mídias digitais ou objetos.

Fonte: Dados da Pesquisa

Para Marilena Paes (2006, p. 26), o documento consiste no: “[...] registro de uma informação independente da natureza do suporte que a contém”. A autora acrescenta que a distinção entre o conceito de documento e de documento de arquivo reside na diferença de sua origem e de sua coleta, a saber: “1) Aquele que, produzido e/ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elemento de prova ou informação; 2) Aquele produzido e/ou recebido por pessoa física no decurso de sua existência” (MARILENA PAES, 2006, p. 26), a autora reforça que o valor de um arquivo está na sua capacidade de representar, em sua materialidade, uma parte da história. A finalidade de um documento de arquivo, segundo Heloisa Belloto (2006, p. 3

6) é: “informar com o objetivo cultural, científico, funcional ou jurídico conforme a natureza do material reproduzido ou referenciado”. Dentro deste contexto, a gestão de arquivos, portanto, envolve o cuidado com a organização, classificação e preservação desses documentos, garantindo o acesso à informação e a preservação de um patrimônio cultural e histórico. Ainda se apresenta o conceito de Theodore Schellenberg (2006, p. 41),

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude do valor informativo dos dados neles contidos.

Quando pensamos nos túmulos e monumentos funerários como arquivos, devemos considerá-los enquanto resquícios físicos de uma memória coletiva e de um patrimônio cultural e que embora vistos apenas como locais de sepultamento, esses elementos também carregam informações significativas que podem ser analisadas como documentos arquivísticos, assim, dialogando com os outros formatos e suportes documentais.

Neste contexto, os túmulos podem ser compreendidos como fontes documentais, considerando sua função como registros de materiais que preservam informações de valor histórico, cultural e social, ou seja, armazenam informações como nomes, dados de nascimento e morte, mensagens epigráficas e símbolos que retratam aspectos indenitários e culturais de uma comunidade, sendo essenciais para a construção da memória coletiva e para a preservação da história. Segundo Fabiana Biscoli (2008, p. 12): “[...] documentos estão presentes em todo tipo de organização. Eles dão suporte de informações para as atividades gerenciais (controle, gerenciamento, tomada de decisões) agindo na performance da organização.”

Assim, ao considerar os túmulos como registros contidos que compõem a memória social de uma localidade, é possível enquadrá-los como parte de um arquivo cultural, que contribui para a compreensão da história e da identidade de uma sociedade.

Quando se fala em memória, os túmulos de cemitério podem ser vistos como uma forma de arquivo da memória coletiva e individual, pois eles preservam informações sobre as vidas das pessoas que ali estão sepultadas. Na arquivologia, a memória é um conceito central, pois envolve a documentação e a preservação de registros que contam

histórias e mantêm vivas as lembranças de indivíduos e comunidades. Para Henri Bergson (1999, p. 77):

[...] A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebemos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela.

Segundo Henri Bergson (1999, p. 266), a memória: “[...] tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil.” Complementando, na mesma linha de pensamento de Bergson, o autor Pierre Nora (1993, p. 12-13), descreve que:

Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...]

Já Maurice Halbwachs, dedica o IV capítulo de A memória coletiva ao Espaço. Este lhe transmite uma imagem de permanência e estabilidade, em contraponto à mutabilidade do tempo:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde (Halbwachs, 2006, p. 99-100).

Por sua vez, para Michel Pollak (1992, p. 211) a memória pode ser compreendida, em um primeiro momento, como um fenômeno individual. Contudo, o autor ressalva que ela deve ser vista: “[...] como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, consolidando-se no espaço, no objeto, na imagem, no suporte.” Utrant Silva et’al, (2017, p. 89-90), numa pesquisa sobre a memória no arquivo de medicina legal diz que:

[...] a noção de genótipo como memória caracteriza os arquivos de Medicina Legal como espaços de memória. Genótipo é a característica genética que os seres vivos, animais e vegetais, e, no nosso caso, os humanos carregam no seu DNA desde a fecundação, e todos os registros de memória genética, arquivos de Medicina Legal, guardam por tempo indeterminado.

Neste contexto, os túmulos de cemitérios podem ser também, uma valiosa fonte de memória, pois funcionam como registros simbólicos que preservam informações históricas, familiares e culturais. Através de inscrições, dados de nascimento e falecimento, e elementos simbólicos como cruzes, flores e imagens, os túmulos não apenas documentam a vida e a morte das pessoas, mas também refletem as suas crenças, tradições e os valores de uma comunidade ou sociedade. Assim, eles podem ser tratados como fontes de memória coletiva, fornecendo uma compreensão do passado e da identidade social de um povo.

Por fim, o conceito de patrimônio está intimamente ligado à ideia de preservação e valorização dos bens culturais, materiais e imateriais, que representam a memória de um povo e a identidade de uma sociedade. Segundo Ignácio Gonzales-Varas (2003), os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que compreendem o patrimônio cultural são considerados como: "[...] manifestações ou testemunho significativo da cultura humana, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo, não se restringindo apenas aos objetos ou espaços em si, mas à significação que estes possuem para as comunidades que os preservam."

A preservação do patrimônio cultural é vista como um compromisso com as futuras gerações, garantindo a continuidade das memórias e das referências históricas que moldam uma identidade coletiva. Para Françoise Choay (2018, p. 11) o conceito de patrimônio histórico: "[...] designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado". Para esta autora, obras das belas-artes e das artes aplicadas, bem como os produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos podem se constituir enquanto patrimônio histórico.

No campo dos estudos arquivísticos, o patrimônio também é um conceito fundamental, já que arquivos e documentos são reconhecidos como instrumentos vitais para a preservação da memória coletiva de uma sociedade. A Lei de Arquivos é tributária dos avanços efetivados na Constituição de 1988 no âmbito do reconhecimento do potencial dos documentos de arquivo enquanto patrimônio. Segundo Cristiane Basques e Georgete Medleg Rodrigues (2014, p. 162):

[...] É a ampliação do conceito de patrimônio cultural efetivada pela Carta Magna que inclui o documento de arquivo ao rol dos bens culturais patrimonializados e atribui "ao Estado o dever de sua proteção, visando à preservação da memória e o acesso às informações, além de responsabilizar quem praticar conduta e atividade lesivas aos documentos arquivísticos.

Neste contexto os arquivos funcionam como espaços de preservação e disseminação de informações, sendo essenciais para o resgate de histórias e para a memória institucional e social de um povo. Dessa forma, tanto os documentos quanto os monumentos, por sua natureza, desempenham um papel fundamental na construção de narrativas históricas e na preservação da identidade de uma sociedade ao longo do tempo.

Os túmulos, enquanto elementos integrantes do patrimônio cultural, podem ser analisados como documentos arquivísticos devido ao seu valor simbólico, histórico e social. Como afirma Maria Borges (2002), o cemitério é um lugar privilegiado para entender uma cultura e seus aspectos simbólicos e artísticos. Por intermédio da arquitetura, escultura e artes decorativas, cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos. Assim, os túmulos podem ser vistos não apenas como locais de sepultamento, mas também como documentos arquivísticos que, além de testemunharem o passado, contribuem para a construção da memória coletiva de uma comunidade.

Na pesquisa de Rachel Araújo (2018, p.21) sobre os arquivos cemiteriais de João Pessoa, a autora afirmou que: “Atualmente João Pessoa possui seis cemitérios públicos; e informações cedidas pelo SEDURB – Secretaria de Desenvolvimento Urbano, aponta que o cemitério do Cristo Redentor em João Pessoa possui maior rotatividade nos sepultamentos nas áreas das covas rotativas.”, ou seja, na capital paraibana tem menos cemitérios que em Santa Rita, que tem a terceira maior população do estado. Fato é que ambas as cidades enfrentam problemas em relação as demandas sociais no que diz respeito aos espaços para se enterrar as pessoas, dado que aponta para um entendimento de que houve um planejamento deficitário nessas cidades que são vizinhas e antigas.

2.1 OS CEMITÉRIOS NO BRASIL, POR UM BREVE PERCURSO

Abriremos esta subseção referendando João Cabral de Melo Neto (1999, p.240), o poeta que perseguiu a morte ou foi perseguido por ela em sua vasta obra literária, através dos seus poemas, dedicando-os aos cemitérios de diversos cantos nordestinos, e exemplo do poema Floresta do Navio, conforme segue abaixo:

Antes de se ver Floresta
se vê uma Constantinopla
complicada com barroco,
gótico e cenário de ópera.

É o cemitério.
E esse estuque,
tão retórico e tão florido [...]

Sobre a representação social dos cemitérios, Bárbara Thompson (2014, p.99) diz que “[...] caracteriza-se como um lugar de memória, uma vez que os símbolos em seu interior expressam a cultura, as crenças e os valores existentes no passado de vários grupos, destacando, assim, a memória coletiva.” A autora ainda diz que: “O lugar de memória é funcional, pois gera concomitantemente a cristalização e a transmissão da lembrança. Esse lugar bloqueia o esquecimento e torna material o que é imaterial, levando à cristalização da memória, isto é do passado.” Em se tratando de uma memória específica, presente no conjunto arquitetônico que forma os logradouros diversos e também os cemitérios, Pierre Nora (1993, p. 09) defende a ideia de que “A memória se enraíza em algo concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto”. Corroborando a esse raciocínio, Jacques Le Goff, (1990, p. 432) argumenta que: “A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.”

O assunto em questão aparece como um verbete num Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN, onde a autora Clarissa Grassi (2016) apresenta de forma sintetizada, um breve panorama, onde ela garante que:

Os estudos cemiteriais surgem como formas de investigação que tomam locais de sepultamentos enquanto objeto ou fonte de pesquisa. Seja pela análise individual do túmulo ou pela do conjunto, são contempladas as mais variadas formas e configurações de cemitérios, campos santos e necrópoles.

Um dos estudos pioneiros sobre os cemitérios brasileiros foram realizados por Clarival Valladares (1967) e (1972). Destacamos dentre outros trabalhos, os de Renato Cymbalista: **Cidade dos Vivos** (2001), sobre os cemitérios de São Paulo e o de Clarisse Grassi: **Cidade dos Mortos** (2016), sobre os cemitérios de Curitiba, voltados para a arquitetura, educação patrimonial (Grifo nosso). Segundo Clarissa Grassi (2016):

Com a ampliação e o aprofundamento de pesquisas sobre o tema da morte, dos mortos e do morrer a partir dos anos 2000, foi marcante a multiplicação na produção de dissertações e teses com enfoque nos estudos cemiteriais, envolvendo diferentes áreas do conhecimento como história, arquitetura, artes, sociologia, antropologia, psicologia, geografia, direito, literatura, turismo entre outras.

Clarissa Grassi (2016) assinala que em 2004 foi criada a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, com o objetivo de promover e divulgar as pesquisas da área e que

no ano de 2010, foi lançado o Catálogo de **Estudos Cemiteriais no Brasil**, tendo Maria Elísia Borges como organizada, podendo ser considerado como um marco para esses estudos. (Grifo nosso).

Os sepultamentos são práticas que existem desde épocas remotas em que as pessoas enterravam entes familiares em rituais fúnebres, não havendo uma padronização neste fazer, mas, foi a partir das práticas funerárias do Velho Mundo que aqui no Brasil colonizado, começou o processo de se enterrar as pessoas mortas nos arredores das igrejas, quando empobrecidas e as ricas, nas paredes destas igrejas. Mas, antes que a Europa invadissem e ocupassem o solo brasileiro, este lugar era habitado por povos originários, que também tinham os seus saberes, a sua cultura.

Para Thomas Oliveira e Juvandi Santos (2016, p.592): “O estudo da pré-história não é semelhante ao de sociedades com escrita. Numa sepultura histórica há uma lápide referenciando datas, de nascimento e morte do cadáver, e até seu nome”, ou seja, os povos originários sempre realizaram os seus funerais em todos os continentes. Aqui no estado, segundo os autores supracitados: “Há inúmeros cemitérios indígenas por toda a Paraíba. Geralmente em cavidades naturais, interior de abrigos rochosos: furnas, lapas, afloramentos arqueados, etc.” (THOMAS OLIVEIRA; JUVANDI SANTOS, 2016, p.187).

Já as pessoas negras que foram escravizadas em África e trazidas para o Brasil, eram aqui enterradas separadamente das brancas, como afirma Júlio Pereira (2008, p.21):

Assim, o cemitério dos Pretos Novos se nos apresenta como um testemunho histórico da forma pela qual os escravos que morriam nos barracões fétidos do Valongo, onde se situava o maior mercado de escravos durante os séculos XVII a XIX, no Rio, eram sepultados na América portuguesa.

No cemitério dos Pretos Novos na Gamboa, as pessoas escravizadas quando morriam eram enterradas em condições insalubres, precárias, sem respeito algum a dignidade humana, traço do processo do racismo estrutural, desumanizante, um verdadeiro tiranicídio.

Nos períodos anteriores a República, sobre a prática de enterrar as pessoas brancas em cemitérios, Cláudia Rodrigues (1997, p.56) garante que:

Ora, há séculos, os sepultamentos eram realizados nas igrejas ou ao seu redor, sem que a maioria dos indivíduos se incomodasse com esta prática, que era adotada por grande parte da população da Corte, no século XIX. A epidemia trouxe modificações neste quadro. O medo do contágio e da morte faria com que a familiaridade entre vivos e mortos fosse questionada, abalada, pelas concepções médicas que então se impunham.

As pesquisas de Cláudia Rodrigues foram realizadas nos cemitérios do Rio de Janeiro, antiga capital do país, mas, esta realidade sempre foi muito comum nas cidades brasileiras desde a colônia, entrando para o império e em Santa Rita-PB não era diferente. Sobre o processo de proibição de se enterrar pessoas dentro das igrejas e seus arredores, Cláudia Rodrigues (1997, p.90) assevera que:

Somente em 1832, a Câmara do Rio de Janeiro deliberou a respeito. O novo código de posturas fornecia indicações sobre cemitérios e enterros, ordenando que houvesse atestado de óbito dado por um médico; normalizando a profundidade das covas e o tempo que deviam ficar fechadas e proibindo enterros nas igrejas e conventos, quando fosse construído um cemitério ou estabelecido um local para enterros.

É fato que, a partir da segunda metade do século XIX que a construção dos cemitérios municipais e normalização dos ritos funerários começam a se irradiar pelo Brasil, mas não sem resistência de algumas irmandades religiosas reacionárias. Para Mário Dillmann (2013, p. 62): “No Brasil, com já referido, o processo de secularização dos cemitérios ganhou ênfase ao início do período republicano. E chegamos, finalmente, ao segundo momento importante a respeito dos cemitérios do século XIX brasileiro”.

É prudente lembrar que enquanto processo, as mudanças estruturais não aconteceram em um piscar de olhos e nem uniformemente em todas as regiões do país. Segundo Mário Dillmann (2013, p. 62): “Foi o decreto 789, de 27 de setembro de 1980, que eliminou a intervenção de qualquer autoridade religiosa na gerência de cemitérios públicos, que passaria, a partir de então, à competência das municipalidades e das políticas.”

Sobre a estrutura física dos cemitérios brasileiros, Tânia Lima (1994, p.900) diz que: “[...] é assim cercado, bem delimitado, murado, gradeado (as normas definem até a altura dos muros e das grades, sempre bem superiores à estatura média de um indivíduo, de forma a desestimular a sua transposição).” e a autora segue com a sua meticulosa descrição dizendo que: “E cuidadosamente repartido, quadriculado (aléias, quadras, etc), geometricamente alinhado, ordenado, de modo permitir a observação, a vigilância, o controle”. (TÂNIA LIMA, 1994, p. 900).

Os cemitérios por nós pesquisados encontram-se entre os perímetros urbanos e rurais de Santa Rita, uma cidade localizada na região metropolitana de João Pessoa, inserida na Zona da Mata e no litoral paraibano, como veremos a seguir.

2.2 SANTA RITA: DOS CANAVIAIS, DAS ÁGUAS MINERAIS, DO PATRIMÔNIO

Nesta subseção, utilizaremos o livro *Nordeste, Açúcar e Poder* de Martha Falcão Santana (1990), um trabalho premiado pelo CNPq no Centenário da República (1889) e considerado pela historiografia como um clássico na história do Nordeste, Paraíba e principalmente para a cidade de Santa Rita.

Sobre a cidade situada na Zona da Mata paraibana, geograficamente por ter um solo massapê, ela construiu sua identidade em meio aos vastos canaviais que moldaram sua economia e cultura ao longo dos séculos. A cana-de-açúcar, introduzida no período colonial, impulsionou o desenvolvimento da região, trazendo consigo engenhos, tradições e modos de vida que ainda hoje se refletem na paisagem e na memória local. A relação com os canaviais vai além da produção agrícola, o latifúndio usineiro e escravagista da família Ribeiro Coutinho, que influenciou a ocupação do território, a formação de comunidades e até mesmo manifestações culturais que se mantêm vivas na cidade.

Além dos canaviais, Santa Rita também é conhecida por suas águas minerais, um recurso natural que acrescenta valor à sua história e ao seu potencial econômico. Fontes de água cristalina, reconhecidas por suas propriedades terapêuticas, fazem parte do patrimônio ambiental e cultural da cidade, contribuindo para sua identidade. O patrimônio histórico, por sua vez, se manifesta na arquitetura, nas igrejas e nos espaços que testemunham os diferentes ciclos econômicos e sociais vividos pelo município. Dessa forma, a cidade se destaca por sua riqueza natural e cultural, entrelaçando o passado e o presente em um território marcado pela memória e pela tradição.

Santa Rita tem uma história que remonta ao período colonial, e de acordo com Martha Falcão Santana (1990) está intimamente ligada à conquista da Paraíba ainda no século XVI. Tratando-se da sua evolução histórica, ainda em fins do século XVI, foi erigido o primeiro forte da região, o Mirante do Atalaia, o Forte Velho, que servia como ponto de observação dos portugueses para identificarem possíveis corsários franceses em busca de pau brasil. Paralelo a esta edificação, os portugueses construíram o Engenho Real Tibirí nas proximidades de onde hoje fica os bairros de Várzea Nova e Tibirí Fábrica. Era um engenho de alta tecnologia para a época, movido à água. O nome Tibirí deriva de uma etnia indígena que habitava essa região.

Segundo Martha Falcão Santana (1990), Santa Rita originou-se de acampamentos de nativos, colonos, exploradores, comerciantes, criadores e até tropas militares. Foi

construído no local então conhecido como Tibirí, o Forte de São Sebastião, e próximo a ele foi edificada a capela que, juntamente com o primeiro engenho de açúcar, se tornaram o marco para a formação do povoado.

A região ainda era parte das grandes fazendas de açúcar e, mais tarde, se estabeleceu como um importante centro urbano. De acordo com a autora Martha Falcão Santana (1990), a formação da cidade está intimamente ligada ao desenvolvimento da economia açucareira e à expansão das atividades comerciais ao longo do século XIX. A autora destaca que a cidade foi, desde o início, marcada pela combinação entre a agricultura e a intensa religiosidade, elementos que definiram sua identidade.

Martha Falcão Santana (1990) afirma que nos primeiros tempos de colonização, as terras de Santa Rita pertenciam a grandes fazendas de açúcar, que eram a base da economia local. Nesta época, a presença das igrejas e das festas religiosas também exercia grande influência sobre o cotidiano das pessoas, sendo elementos de destaque nas primeiras fases de organização social do município. Neste contexto, é observado que a presença das igrejas e das festas religiosas também exercia grande influência sobre o cotidiano das pessoas, sendo elementos de destaque nas primeiras fases de organização social do município. Ainda a autora observa que, a partir da década de 1850, a cidade começou a se expandir de forma mais significativa, principalmente pela criação de novas infraestruturas e pela chegada de migrantes, que contribuíram para o crescimento populacional e econômico da região. Martha Falcão Santana (1985, p.3-4) revelou que:

O crescimento da população livre e o surgimento de uma feira livre quinzenal, no pátio da Igreja de Santa Rita contribuíram para que o povoado se estendesse dos engenhos em direção ao centro que também servia de pousada aos almocreves vindos do interior em demanda da sede da capitania, para vender seus produtos, sua força de trabalho e pagar suas promessas [...].

No decorrer do século XIX, a cidade de Santa Rita experimentou uma série de transformações que refletiram o processo de urbanização e aumento populacional. A construção de novos espaços urbanos, como praças e ruas, acompanhou o crescimento da cidade e a centralização das atividades comerciais. A Emancipação Política da cidade, embora tenha controversas quanto ao dia, 9 ou 19 de março do ano de 1890, seguimos a data defendida por Marta Falcão Santana, ou seja, o dia 9 de março de 1890. Abaixo temos um quadro pintado pelo senhor José Viégas, retratando a Praça Pedro II na década de 1920, antes de se chamar Getúlio Vargas, retratando o cotidiano da mesma.

Foto 2: Centro de Santa Rita-Década de 1920



Fonte: Acervo da Família Viégas.

De acordo com o quadro Perfil Político do Município de Santa Rita 1890-1959. Martha Falcão Santana (1990, p. 312-312) adverte que:

Em fevereiro de 1929, João Pessoa, então presidente da Parahyba, nomeia para prefeito de Santa Rita, o industrial Edgar Seager que fica no cargo até o dia 6 de abril de 1931, quando o interventor federal Antenor Navarro, pelo decreto de n.83, extingue o município de Santa Rita, anexando-o a capital, virando uma sub-prefeitura. Em 7 de janeiro de 1933, por ato do interventor federal, toma posse como prefeito de Santa Rita, o Tenente Francisco Pedro dos Santos e ela volta a condição de cidade.

Na gestão de Edgar Seager, ele constrói o Cemitério Santana em 1930 no lugar onde hoje é o bairro Loteamento Nice, extinguindo o antigo cemitério que posteriormente se transformou no Mercado Público Municipal.

De acordo com o trabalho de Célio Marques (2014) o primeiro cemitério oficial da cidade, que se tem registros, foi construído onde atualmente funciona o Mercado Central, próxima a Estação Ferroviária e a Praça Antenor Navarro, conhecida como Praça da Rural.

Foto 3: Mercado Público de Santa Rita



Fonte: <https://climaonline.com.br/santa-rita-pb/foto/mercado-publico-santa-rita-pb-30-28507>. Acesso em 10 de Janeiro de 2025.

Segundo Célio Marques (2014, p. 25),

“O mercado público possui uma área aproximada de 14000 metros quadrados, metade desse total está situado em uma área fechada por portões durante a noite. Algumas das ruas onde localiza-se a feira livre são fechadas totalmente ou parcialmente para o fluxo de veículos por nelas existirem bancos de cimento e de madeira onde os feirantes vendem seus produtos.”

O local onde está instalado o Mercado Central é muito grande, ocupando um quarteirão enorme e se estendendo pelas adjacências. Esse equipamento antes da década de 1940 funcionava como cemitério municipal provavelmente desde o século XVII, quando a cidade foi ampliando o seu povoamento. Abaixo temos uma antiga fotografia do atual mercado público.

Martha Falcão Santana (1990, p.243) sobre a gestão do prefeito Flávio Maroja Filho (1935-1937), disse que ele: “[...]. Desapropriou casas e abriu ruas, construiu o Matadouro Municipal, o Grupo João Úrsulo Ribeiro Coutinho, calçou as praças Getúlio Vargas (antiga Pedro II) e João Pessoa (antiga Pe Ferreira) [...]’

Até a década de 1930, a praça central da cidade, hoje denominada Getúlio Vargas, possuía três igrejas em seu entorno, a saber: O atual Santuário Santa Rita de Cássia que era frequentada pela elite branca, a igreja da Conceição ao lado, que foi construída pela Irmandade dos Pardos para as pessoas empobrecidas poderem frequentar e do outro lado, onde hoje é o Grupo Escolar João Úrsulo, ficava a igreja do Rosário dos Pretos que foi criminosamente demolida na gestão de Flávio Maroja Filho para a construção do grupo escolar e para a abertura da rua Alvina Cavalcante, num processo de modernização da cidade. A igreja do Rosário foi construída após a linha férrea Conde D’Eu, entre os bairros: Centro, Popular, Santa Cruz e o Loteamento Nice. Sobre a gestão de Diógenes Nunes Chianca (1942-1945), Martha Falcão Santana (1990, p.245) dispara:

Procurando consolidar o seu prestígio junto a população urbana, Chianca enveredou pelo mesmo caminho do Maroja, iniciando a construção do mercado novo, velha aspiração dos comerciantes. Em meio a comemorações, inaugura trecho da estrada de Barreiras a Ponte Sanhauá, passando a chamar-se Avenida Liberdade, e o povoado de Barreiras de Bayeux, em homenagem a primeira cidade francesa a libertar-se, pelas forças aliadas, do jugo nazista.

Á medida em que a cidade se expandia, também surgia a necessidade de criação de instituições públicas e espaços sociais mais organizados, como mercados e locais de reunião. Foi nesse contexto que a cidade também passou a planejar um local adequado para os sepultamentos.

Os primeiros sepultamentos em Santa Rita não eram formalizados em um cemitério específico, e os corpos eram muitas vezes enterrados de maneira improvisada, nas imediações das igrejas ou em terrenos privados. Foi somente na segunda metade do século XIX que a cidade passou a contar com um cemitério formal, destinado ao sepultamento de seus habitantes. Martha Falcão Santana (1990) relata que o cemitério foi instalado nas proximidades da área onde ocorria a feira local, na região central da cidade, o que refletia a importância social e religiosa do local escolhido.

O cemitério, além de sua função primária de sepultamento, passou a desempenhar um papel importante na preservação da memória da cidade. Ao longo dos anos, o cemitério tornou-se um espaço de registro das famílias locais, com túmulos e lápides que contavam histórias sobre as pessoas que ali estavam enterradas. Esses túmulos, como

documentos de uma época, começaram a ser vistos como registros importantes da memória social, refletindo a evolução da cidade e suas transformações ao longo do tempo.

Diógenes Nunes Chianca se afasta em 9 de novembro de 1945, onde por ato do interventor Severino Montenegro, assume a Prefeitura de Santa Rita o sr. João Raposo Filho e em 1 de março de 1946, por ato do interventor José Gomes da Silva, Chianca é novamente nomeado prefeito da cidade. Martha Falcão Santana (1990) relata que ele construiu o mercado público foi instalado no local onde funcionava o cemitério.

Atualmente a cidade de Santa Rita/PB, conforme dados de 2023 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui uma área territorial de 718,576 km² com população residente de 149.910 pessoas. Conhecida como a ‘Cidade das Águas Minerais’, Santa Rita se destaca pelo grande número de fontes de águas minerais em seu território, o que é um atrativo natural para as pessoas moradoras e para as visitantes. A cidade também é conhecida por sua importância histórica e cultural, com uma infraestrutura em crescimento, incluindo áreas residenciais, comerciais e serviços públicos que atendem à sua população.

Portanto, a história de Santa Rita é marcada não apenas por seu desenvolvimento urbano e econômico, mas também pela importância dos cemitérios como espaços de memória. O cemitério de Santa Rita, nas proximidades da feira local, tornou-se um arquivo vivo da cidade, preservando as histórias de vida e morte das pessoas que fizeram parte de sua formação. Martha Falcão Santana (1990), ao abordar a história de Santa Rita, mostra como a cidade se estruturou em torno de símbolos de religiosidade, comércio e memória, refletindo a complexa relação entre as pessoas mortas e os vivos em uma comunidade em constante transformação. A seguir iremos prosseguir apresentando os resultados da pesquisa, com a descrição dos cemitérios de Santa Rita/PB, conforme os objetivos específicos propostos.

3. CEMITÉRIOS VIVOS: UM ESTUDO SOBRE LUGARES DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DE DOCUMENTOS/MONUMENTOS FUNERÁRIOS

Me dê as flores em vida
O carinho, a mão amiga
Para aliviar meus ais

Depois, que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais

(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Nesta sessão apresentamos os resultados da pesquisa, pretendemos alcançar os objetivos específicos propostos na metodologia, onde estaremos deixando a nossa contribuição para os estudos arquivísticos e para a memória da cidade de Santa Rita com informações que podem servir também para a administração municipal.

Conforme já foi abordado anteriormente, os cemitérios, frequentemente vistos como locais de descanso final, podem ser interpretados de maneira mais ampla, como verdadeiros documentos e patrimônios culturais que guardam a memória de uma sociedade. Os túmulos, enquanto elementos centrais desses espaços, são testemunhos materiais da história de uma comunidade, refletindo aspectos importantes da identidade cultural, religiosa e social das pessoas sepultadas. Ressaltamos, que antes de qualquer uma das múltiplas possibilidades de abordagens dentro do nosso objeto de estudo, os cemitérios, reforçamos a premissa de que o elegemos como um arquivo com documentos arquitetônicos no que diz respeito aos túmulos, considerados como lugares de memória, para além dos documentos em papel e ou digitais, existentes nos cemitérios.

Jacques Le Goff (1994), ao definir o documento-monumento, destaca que os documentos não são registros neutros do passado, mas construções intencionais que refletem escolhas sociais sobre o que deve ser lembrado. Os túmulos e monumentos funerários se enquadram nessa lógica, pois são produzidos para preservar a memória de pessoas e grupos, funcionando como registros materiais da identidade, cultura e crenças de uma época.

Como documentos arquivísticos, eles carregam informações essenciais sobre linhagens, rituais e transformações sociais, sendo fontes valiosas para a pesquisa histórica. Além disso, a própria materialidade dos túmulos – inscrições, símbolos, tipos de pedra – expressa narrativas sobre poder e memória, reforçando a ideia de que os

cemitérios são repositórios documentais que perpetuam a história de forma intencional e seletiva.

Nesta sessão, propomos uma análise dos cemitérios enquanto espaços de patrimônio cultural e memória, abordando os túmulos como elementos documentais que carregam o peso da história e da identidade de uma comunidade. Descreveremos os cemitérios presentes na cidade de Santa Rita. Durante a pesquisa, elaboramos um quadro com as informações sobre os cemitérios catalogadas, como veremos abaixo:

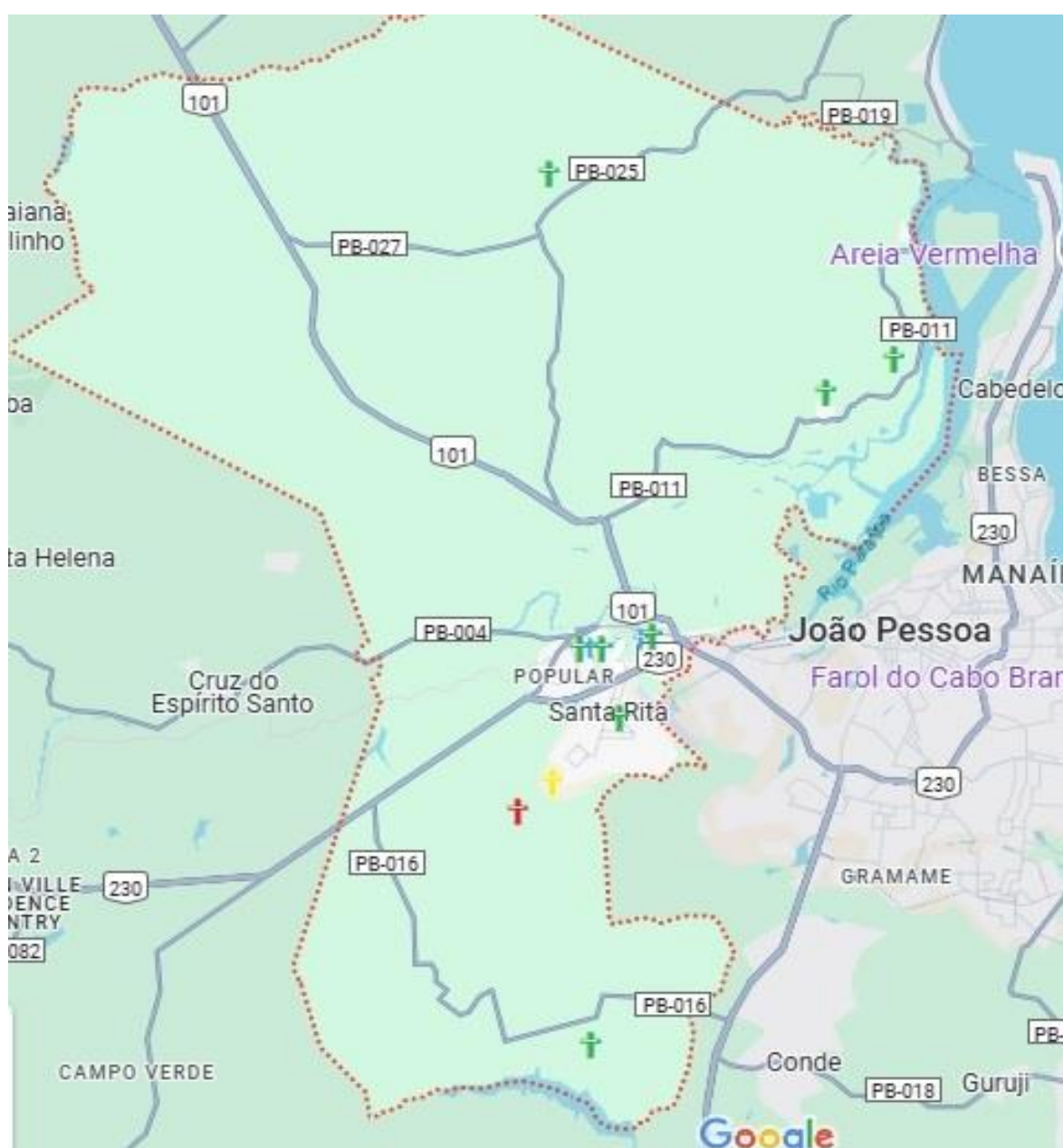
QUADRO 2 - CEMITÉRIOS DE SANTA RITA/PB

NOME	BAIRRO	FUNDAÇÃO	GESTÃO
Cemitério Santana I	Centro	1930	Edgar Seager
Cemitério Santo Antônio	Várzea Nova	1961	Antônio Teixeira
Cemitério da Mumbaba (Abandonado)	Mumbaba	1961	Antônio Teixeira
Anexo Santana II	Centro	1987-2000	Severino Maroja
Cemitério São José	Lerolândia	1972	Antônio Teixeira
Cemitério Santas Almas do Purgatório	Centro	1978	Marcos Odilon
Anexo - Cemitério Santo Antônio	Várzea Nova	2019	Emerson Panta
Cemitério da Elevação	Cicerolândia	2006	Marcus Odilon
Cemitério Parque Campo das Palmeiras (Privado)	Mumbaba	2020	Cemitério Parque Campo das Palmeiras (Privado)
Cemitério São José de Arimatéia	Tibiri II	1992/1993	Marcus Odilon / Oildo Soares
Cemitério São Francisco de Assis	Sítio Ribeira de Baixo	???	???
Cemitério Nossa Senhora do Livramento	Distrito Nossa Senhora do Livramento	???	???

Fonte: Dados da Pesquisa

No quadro acima, podemos verificar todos os cemitérios localizados na cidade de Santa Rita/PB, contendo informações como nome, local, data de fundação e nome do gestor que os construíram, servindo como um instrumento importante para a organização, análise de dados históricos e institucionais, com exceção dos localizados em Livramento e em Ribeira. No contexto arquivístico e patrimonial, esse tipo de registro contribui para a preservação da memória, garantindo que informações fundamentais sobre determinados espaços, eventos ou instituições sejam acessíveis para pesquisas futuras. Abaixo, disponibilizamos um mapa da cidade com legendas cartográficas sobre os cemitérios.

MAPA DE SANTA RITA



Fonte: Google Maps - <https://maps.app.goo.gl/X7Rb6EjExFJg7hKDA>

LEGENDAS

✠ - *Cemitérios Públicos*

✠ - *Anexos*

✠ - *Cemitério Particular*

✠ - *Cemitério Abandonado*

Neste mapa, podemos observar a cidade de Santa Rita/PB, e em destaque, a localização de todos os cemitérios. Esta ferramenta é essencial para a gestão do patrimônio funerário e para a pesquisa histórica e social. Ao reunir informações sobre localização, esse recurso possibilita uma compreensão mais ampla da ocupação urbana, das práticas funerárias e das transformações sociais ao longo do tempo.

Além disso, o estudo também pode servir como um instrumento de informação e para a preservação da memória dos cemitérios, auxiliando na identificação de áreas que necessitam de conservação e valorização, garantindo que esses espaços continuem sendo fontes de memória coletiva. Pode também auxiliar pessoas estudiosas da arquivologia, história, geografia e genealogia, um catálogo desse tipo também facilita o acesso a dados sobre personalidades locais, símbolos funerários e registros importantes para a reconstrução do passado, fortalecendo a relação entre os cemitérios e sua função documental.

Um dos maiores problemas para a administração dos equipamentos públicos e mesmo privados é a ausência de equipe especializada, não havendo na Prefeitura de Santa Rita ainda, profissionais da Arquivologia para fazerem a gestão documental com auxílio de outras áreas como a Tecnologia da Informação. A Prefeitura adotou a plataforma digital 1 doc, mas não existe ainda um sistema de informatização das informações sobre os cemitérios da cidade. A ausência de instrumentos de recuperação da informação dificulta muito o acesso a pesquisa. Não existe um catálogo, um índice, um guia, nada que possa auxiliar as buscas.

Ao longo de sua existência, a prefeitura de Santa Rita teve várias pessoas a frente da administração dos cemitérios, sendo o senhor Dionísio Mendes de Queiroz, um dos que mais tempo ficou na função, 25 anos de dedicação ao trabalho. Atualmente, quem está administrando é o jovem Denival Souza da Silva (Diretor de Divisão de Cemitério), que está há quase uma década. Denival que contribuiu gentilmente com a nossa pesquisa e que tem buscado realizar um serviço com qualidade na Divisão de Cemitérios da cidade.

3.1 CEMITÉRIO SANTANA I

No Brasil e em Santa Rita, sobre os sepultamentos em espaços funerários, antes da construção dos cemitérios, existiam as igrejas e os seus arredores. Nas grossas paredes das igrejas Santuário de Santa Rita de Cássia e na Nossa Senhora da Conceição, ainda existem restos mortais de diversos padres da cidade, inclusive do Padre Josenildo Francisco de Lima, morto em 16 de setembro de 2015. O mesmo era pernambucano, mas pediu para ser sepultado em Santa Rita. A princípio ele ficou no Cemitério Santana I, no túmulo das freiras do Hospital e Maternidade Flávio Ribeiro Coutinho e após alguns anos, foi transferido para o Santuário de Santa Rita de Cássia, numa solenidade rara em tempos atuais, onde familiares e pessoas amigas conduziram os restos mortais na tarde dia 03 de setembro de 2021, ao som da música Caçador de Mim de Milton Nascimento e do badalar dos sinos, num ritual fúnebre emocionante.

Situado na rua Dr. Pedroza (que divide o Centro e a Cidade Alta), o Cemitério Santana I, está no perímetro urbano da cidade, fica localizado entre o Centro e o Loteamento Nice, na estrada que segue para a Usina São João, defronte a linha férrea Conde D'eu que liga a cidade ao interior do estado, também próxima ao acesso à BR 230. É o mais antigo e significativo espaço destinado ao sepultamento na zona urbana.

Foto 4 - Frente do Cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

O cemitério Santana I foi construído/inaugurado em 1930 pelo então prefeito Edgar Seager, sendo um prédio quase centenário. Antes dele, os únicos registros oficiais que se tem sobre cemitérios na cidade, referem-se ao atual mercado central, que foi o primeiro cemitério da cidade. A sua estrutura arquitetônica, reflete a história e a cultura de Santa Rita, com túmulos que datam de várias décadas e séculos, alguns são do século XIX, que foram transferidos do antigo cemitério, muitos dos quais têm grande valor sentimental e histórico. Os túmulos do Cemitério Santana I são uma verdadeira representação da diversidade cultural e religiosa de Santa Rita. É possível encontrar sepulturas com diferentes estilos arquitetônicos, variando desde as mais simples, de formato tradicional, até as mais elaboradas, com esculturas e inscrições que representam não apenas a individualidade das pessoas falecidas, mas também as crenças e valores das famílias.

Martha Falcão Santana (2023, p.91) referindo-se ao seu pai, o prefeito Antônio Teixeira, disse que ele:” [...] ainda hoje reverenciado aos domingos e em dias de finados em seu túmulo, no cemitério de Santana em nossa cidade. Cemitério que ele ampliou, construindo um outro cemitério, dotado de secretaria e moderno necrotério”.

Marcelina de Almeida (2016, p.216), em sua pesquisa sobre o Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte diz que:

A maioria dos túmulos que ocupam estas quadras pertence a famílias influentes e importantes da capital mineira em seus respectivos contextos, e também são monumentos dedicados à elite política do Estado de Minas Gerais. Nas quadras mais afastadas da parte central e das alamedas há sepulturas mais simples, destituídas de atributos e alegorias.

A afirmação de Marcelina de Almeida (2016, p.2016) reflete talvez uma realidade de muitas cidades brasileiras. Em Santa Rita, no cemitério Santana I, esta afirmativa também é fatídica, onde na rua principal da cidade das pessoas mortas, está enterrada a elite política local, a elite religiosa da cristandade (padres, freiras) e outras pessoas de destaque social como advogados(as), empresários(as), algo muito semelhante as ruas principais da cidade das pessoas vivas, onde morava a elite, a exemplo das ruas Juarez Távora, Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, Siqueira Campos, São João, Praça Getúlio Vargas no Centro de Santa Rita.

Foto 5: Rua Principal do Cemitério Santana I, com vista para a Capela

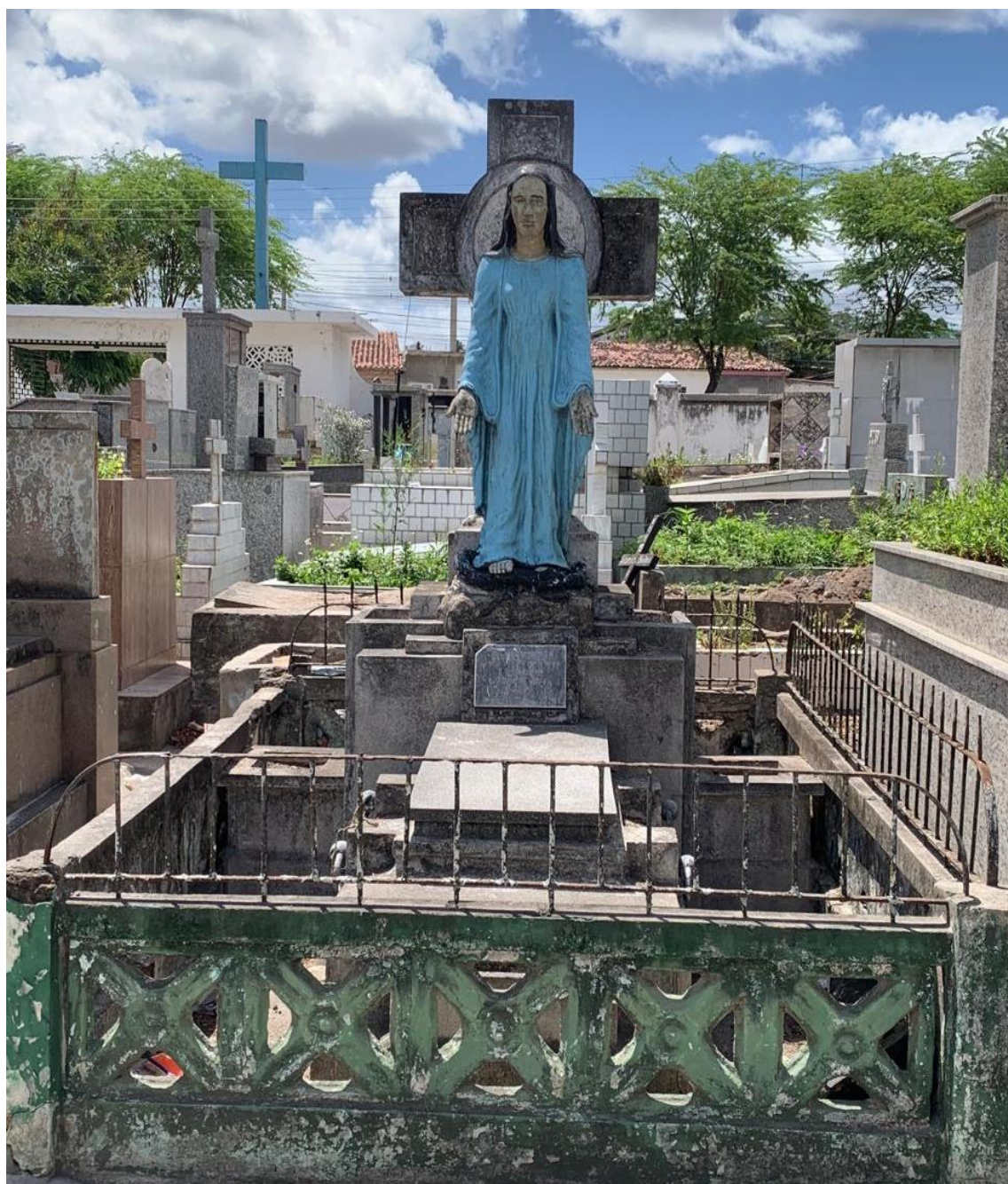


Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Um detalhe importante que chamou a nossa atenção, foi a data de fundação do cemitério inscrita em cimento na frente da capela: 1930. Percebemos também que o antigo Cruzeiro das Almas que mostramos em fotografia neste trabalho, possivelmente foi demolido ou, desgastado pelo tempo e sem restauração, sucumbiu.

As pedras tumulares, muitas vezes esculpidas com detalhes simbólicos, como anjos, cruzes e outros emblemas religiosos, revelam as influências culturais que marcaram a cidade ao longo do tempo. Essas características fazem dos túmulos verdadeiros documentos históricos, que guardam não apenas o nome das pessoas falecidas, mas também narrativas sobre suas vidas, seus legados e suas histórias pessoais.

Foto 6: Túmulo no cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Foto 7: Túmulo no cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Diante dessas duas imagens, podemos destacar o contraste entre elas quando falamos sobre a conservação, e como isso pode influenciar na memória ali retratada. Na primeira, podemos observar um túmulo que possui toda estrutura e características de conservação e cuidado para manter viva a memória, como também demonstra um sinal da religiosidade da família no qual a pessoa falecida pertence.

Na segunda, verificamos que não existe nenhum tipo de conservação, cuidado, ou seja, a memória da pessoa ali enterrada foi enterrada junto ela e o túmulo foi danificado pelas raízes tabulares da árvore. Analisando esse contexto, vimos que a conservação de um túmulo é essencial não apenas para respeitar a memória da pessoa falecida, mas também para manter viva a identidade cultural e histórica de uma família ou comunidade.

Quando bem conservado, o túmulo funciona como um documento arquivístico que registra detalhes importantes sobre a vida e os valores da pessoa, através de inscrições, símbolos e a própria arquitetura da sepultura. Esses elementos tornam o túmulo uma fonte de memória que transcende o tempo, permitindo que futuras gerações se conectem com o passado e preservem as tradições familiares e culturais.

Quando não se existe a conservação, as informações mencionadas acima podem ser perdidas, prejudicando o vínculo com a história e apagando a memória cultural de uma pessoa, ou até mesmo de um grupo. Assim, o estado de conservação de um túmulo não só reflete o cuidado com a pessoa falecida, mas também com a preservação de um patrimônio que é, ao mesmo tempo, um registro de identidade e memória coletiva.

Um dos túmulos mais emblemáticos é o da infanta Ana Paula, que foi assassinada com poucos meses de nascida por um popular que depois foi preso e assassinado, causando uma grande comoção local na década de 1980. Poucos meses depois a população passou a divulgar milagres da menina e construíram uma capela e um cruzeiro em sua homenagem no bairro Jardim Planalto na Cidade Alta. Até os dias atuais o túmulo é visitado e as pessoas colocam ex votos como bonecas, brinquedos, acendem velas.

Na imagem a seguir podemos observar que a memória coletiva é preservada, a partir de características arquivísticas, um arquivo vivo sobre pessoas mortas, assegurando a preservação da identidade (familiar). Verificamos que essas características/informações, como nomes, datas e símbolos transmitem elementos culturais e sociais da família. Para as futuras gerações desta família, a boa conservação do túmulo garante que esses dados permaneçam acessíveis.

Foto 8: Túmulo no cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

O cemitério Santana I, apesar de ter sido o primeiro dos cemitérios ativos a ser construído, foi o que mais dispôs de dados para a realização da pesquisa, quanto que os próximos, pouco ou quase nada se tem sobre eles.

Uma das coisas que nos chamou muito a atenção, foi a quantidade de gatos abandonados nos portões dos cemitérios, sobretudo no Santana I. Talvez por ser um lugar a ermo, facilite a ação de pessoas desumanas que abandonam os animais a própria morte.

3.2 CEMITÉRIO SANTAS ALMAS DO PURGATÓRIO

O Cemitério Santos Almas do Purgatório está localizado ao lado do Cemitério Santana I, foi construído em 1978 na gestão do prefeito Marcus Odilon e é mais um espaço de memória da cidade, um arquivo a céu aberto, com muitos dados esperando por tratamento, sistematização e disponibilização para que as pessoas usuárias, consulentes, possam acessar. O nome na fachada do cemitério não tem a letra S, após a palavra ‘Santas’, onde a grafia foi escrita errada.

Foto 9. Frente do Cemitério Santos Almas do Purgatório



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Com uma infraestrutura menos desordenada que o Santana I, o local proporciona à população um ambiente um pouco mais adequado para sepultamento e visitação. Suas instalações são menos desorganizadas de forma a garantir mais acessibilidade e conforto às famílias enlutadas.

O Cemitério Santos Almas do Purgatório, possui uma estrutura simples, mas funcional, para atender às necessidades das pessoas usuárias. O espaço é composto por diversas quadras de sepultamentos. Em todos os cemitérios existem arquivos cemiteriais, com documentos administrativos relacionados as pessoas falecidas como atestado de óbitos etc, aos túmulos e as pessoas representantes dos mesmos. Para Rachel Araújo (2018, p.27):

A memória social destes espaços que a sociedade não quer enxergar é um compromisso social do arquivista que organiza para memória nos cemitérios através da democracia participativa; convidando os usuários e os profissionais da informação para esta quebra de barreiras ao acesso.

As memórias estão grafadas em todos os objetos como cruzes, fotos, iconografias, nas próprias insígnias dos cemitérios. Os túmulos variam em tamanho e estilo, refletindo as diferentes características familiares. Há algumas sepulturas mais antigas, com lápides de mármore e granito, quanto outras mais recentes, com materiais contemporâneos. O tempo também é grafado nos epitáfios e no designe dos túmulos, que também denunciam a possível classe social das famílias. São lugares de ostentação também os cemitérios antigos que assim como as residências, as pessoas decoram, adornam como querem e podem, ao contrário dos cemitérios parques.

Foto 10: Túmulos do cemitério Santa Almas do Purgatório



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Nesta imagem, temos uma representação significativa de como a memória é representada de diferentes maneiras. Existem três túmulos que, à primeira vista, podem ser observados sob diferentes condições de conservação. O primeiro, à esquerda, encontra-se visivelmente abandonado, refletindo o desgaste do tempo e a falta de manutenção. O segundo, no meio, está em condições medianas, revelando a presença de algum cuidado ao longo dos anos. O terceiro, à direita, destaca-se pela sua conservação exemplar, com uma estrutura bem executada, com inscrições claramente visíveis e elementos decorativos intactos, ou seja, representa a continuidade da memória, onde a identidade e a memória da pessoa falecida são mantidas vivas, visíveis e acessíveis para futuras gerações.

Ainda neste contexto, os três túmulos são considerados fontes de memória porque, assim como outros tipos de documentos arquivísticos, preservam dados essenciais que conectam o passado ao presente. A condição de cada túmulo revela diferentes narrativas sobre como a sociedade preserva as suas memórias, e, ao mesmo tempo, evidencia a importância da preservação, que, com o tempo, podem se tornar registros importantes para a pesquisa.

Muitos túmulos acabam sendo negligenciados devido ao afastamento das famílias ao longo das gerações ou à falta de condições financeiras para preservar as sepulturas, levando ao seu abandono. Essa diferença na preservação reflete não apenas o cuidado ou esquecimento individual, mas também o processo social e cultural de valorização ou apagamento de determinadas memórias e legados familiares.

Uma curiosidade muito interessante, peculiar e até mesmo exótica, que ocorre nos arredores dos dois cemitérios, é a Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da igreja de mesmo nome que fica entre o Loteamento Nice e o bairro da Santa Cruz. Construída em 1937. A comunidade católica desde a sua fundação passou a realizar os festejos da santa na rua Dr Pedroza, próximo aos dois cemitérios que ficaram conhecidos como o velho (Santana I) e o novo (Santas Almas do Purgatório). Francisco Aguiar (2013, s/p.) garante que:

Valendo apenas destacar a presença de uma senhora do povo de nome Balbina, que continuou o trabalho de dona Julieta da Costa Gadelha, depois de sua morte. Neste tempo existia aqui uma grande festa com trinta dias de duração dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Na tarde do dia 1º de novembro de cada ano, o povo de Santa Rita e de cidades vizinhas compareciam para tomar parte da procissão, pagar promessas, fazer promessas, acompanhada de autoridades locais: deputado, prefeito, vereadores, profissionais liberais, padre e o povo geral, ao som dos dobradores da Filarmônica São José, pertencente a edilidade santaritense.

No dia 2, acontece até os dias atuais, o auge das festividades, coincidindo com o dia de finados onde ambos os cemitérios tradicionais ficam lotados de transeuntes, visitando os túmulos, acendendo velas e trafegando entre os dois cemitérios e os arredores onde tem muitas pessoas ambulantes vendendo flores, velas, mas também barracas com maçã do amor, churrasco, bebidas, lanches, roletes de cana, além de um parque de diversões e por vezes, bandas e artistas cantando, se tocando em palcos organizados pela paróquia ou pela prefeitura.

Sobre essas festas, Isabella Quadros (2014, s/p) disse que: “Muito além de um momento para lembrar os falecidos entes queridos, o dia de muertos no México, (dia de finados no Brasil) ao contrário do que se pode imaginar, é uma data festiva, animada e muito colorida. É uma das manifestações culturais mais importantes do país.”, o que nos leva a crer que este acontecimento em Santa Rita, possa existir noutros lugares do Brasil e não apenas no México.

3.3 ANEXO SANTANA I I

O Anexo do cemitério Santana I, o Santana II está localizado no centro de Santa Rita, e fica situado entre os dois cemitérios, interligando os mesmos. A criação do anexo surge como uma necessidade urgente diante do aumento da demanda por sepultamentos e da limitação de espaço. Com o crescimento populacional e a consequente ampliação das famílias, os cemitérios centrais de Santa Rita se mostraram insuficientes para acomodar adequadamente todos os sepultamentos, gerando superlotação e dificultando a organização das áreas já existentes.

Foto 11: Entrada do Anexo dos Cemitérios Santana I / Santa Almas do Purgatório



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Na Gestão do prefeito Severino Maroja (1987 – 2000), para resolver de forma imediata esta demanda social, ele enviou um projeto de lei para a Câmara Municipal para que o trecho da rua Lourival Machado, que divide os dois cemitérios fosse fechada por muros e o projeto foi aprovado, criando assim o Anexo Santana II. A gestão após unificar os cemitérios, abriu um portão na lateral de cada um, para que ficasse uma passagem do Santana I para o Santa Almas, por dentro do Anexo, facilitando a locomoção e dirimindo por algum tempo a problemática da falta de espaço para os sepultamentos.

Seguiremos apresentando o processo de expansão da rede de cemitérios por outros bairros urbanos e rurais da cidade, uma cidade muito extensa territorialmente, onde apenas os cemitérios do centro da cidade não poderiam atender as necessidades de quem mora distante, sobretudo quando não haviam boas estradas.

3.4 CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO

O Cemitério Santo Antônio está localizado na rua Julieta Gadelha, 12 - Várzea Nova, um antigo distrito da cidade. Este equipamento é um espaço de grande importância para a comunidade local. Com fácil acesso, o cemitério se destaca por sua estrutura relativamente organizada, que facilita a movimentação das pessoas visitantes e o tráfego dentro do espaço.

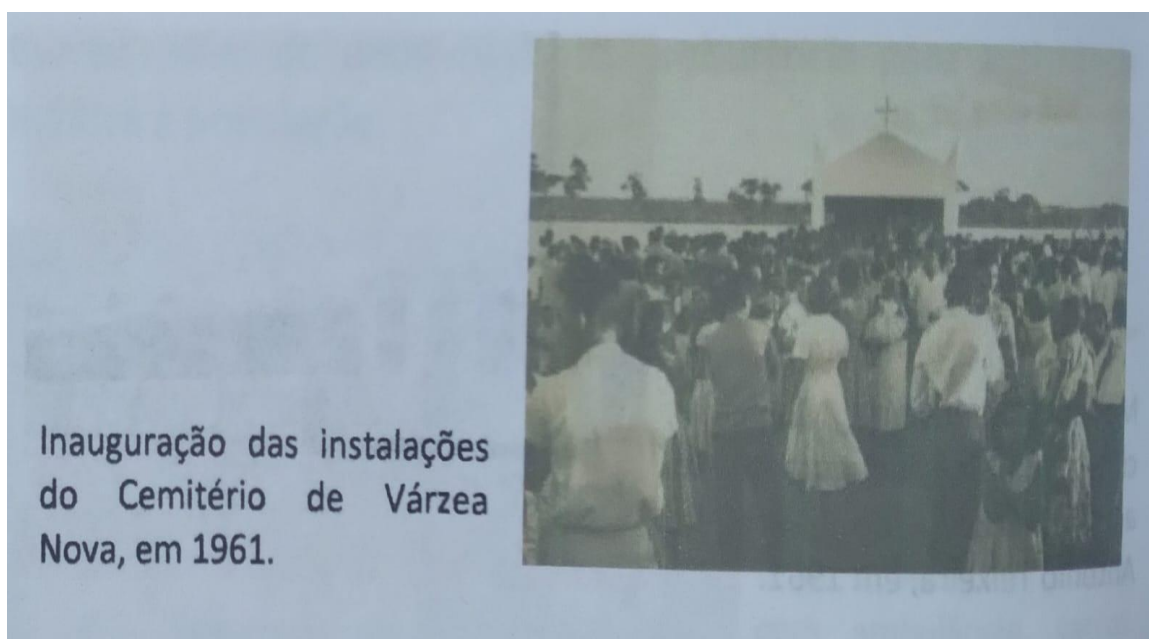
Foto 12: - Frente do Cemitério Santo Antônio



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

De acordo com Martha Falcão Santana (2023, p.142), o cemitério Santo Antônio foi construído na gestão do seu pai, o prefeito Antônio Teixeira. Segundo a autora, o prefeito atendeu a uma reivindicação antiga da população daquele distrito tão importante para a cidade, mas que nenhum antecessor o havia feito ainda.

Foto 13: Inauguração do Cemitério Santo Antônio

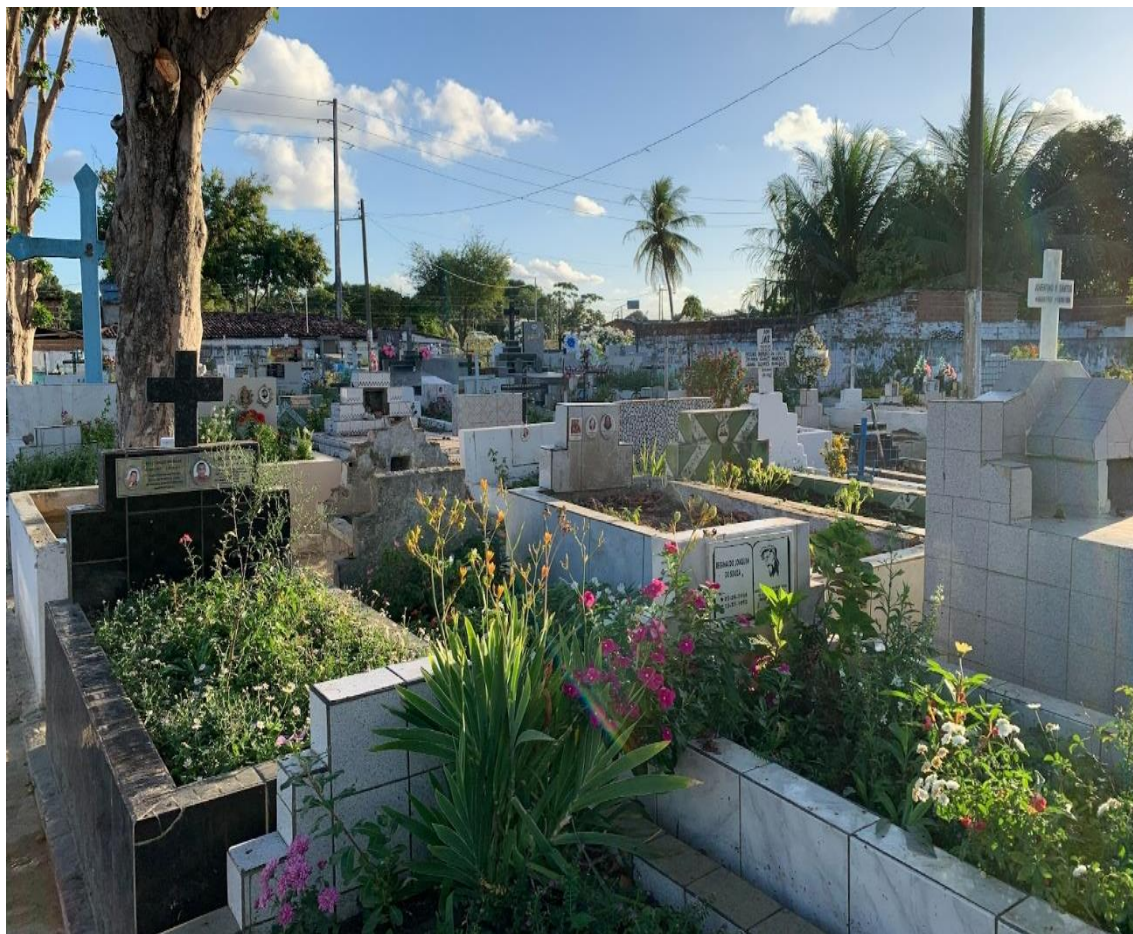


Fonte: Martha Falcão Santana (2023, p.142)

Embora a distância entre Várzea Nova e o Centro de Santa Rita seja curta, 3,6 km aproximadamente, antes da construção do Santo Antônio, as famílias precisavam se deslocar a pé, numa caminhada por uma estrada a princípio, pavimentada com barro, o que deveria ser muito desconfortável em dias de chuva ou de sol a pino, além da estrada ser estreita e ser uma via estadual onde passam muitos transportes, ônibus que ligam a cidade a capital e outros que cortam a cidade com destino ao interior do estado ou a capital. A malha ferroviária também acompanha a mesma estrada.

No Santo Antônio, a manutenção do local é visível, com o ambiente interno limpo e bem cuidado, refletindo o zelo da população pela preservação desse espaço de memória. Seu estado de conservação e a atenção dada ao local demonstram o respeito da comunidade pelas pessoas falecidas, além de garantir um ambiente tranquilo e ordenado para quem visita o cemitério para prestar suas homenagens. Ao final do muro tem uma capela/sala aberta onde as pessoas podem acender velas, colocar ex votos, pagar promessas.

Foto 14: Túmulos do Cemitério Santo Antônio

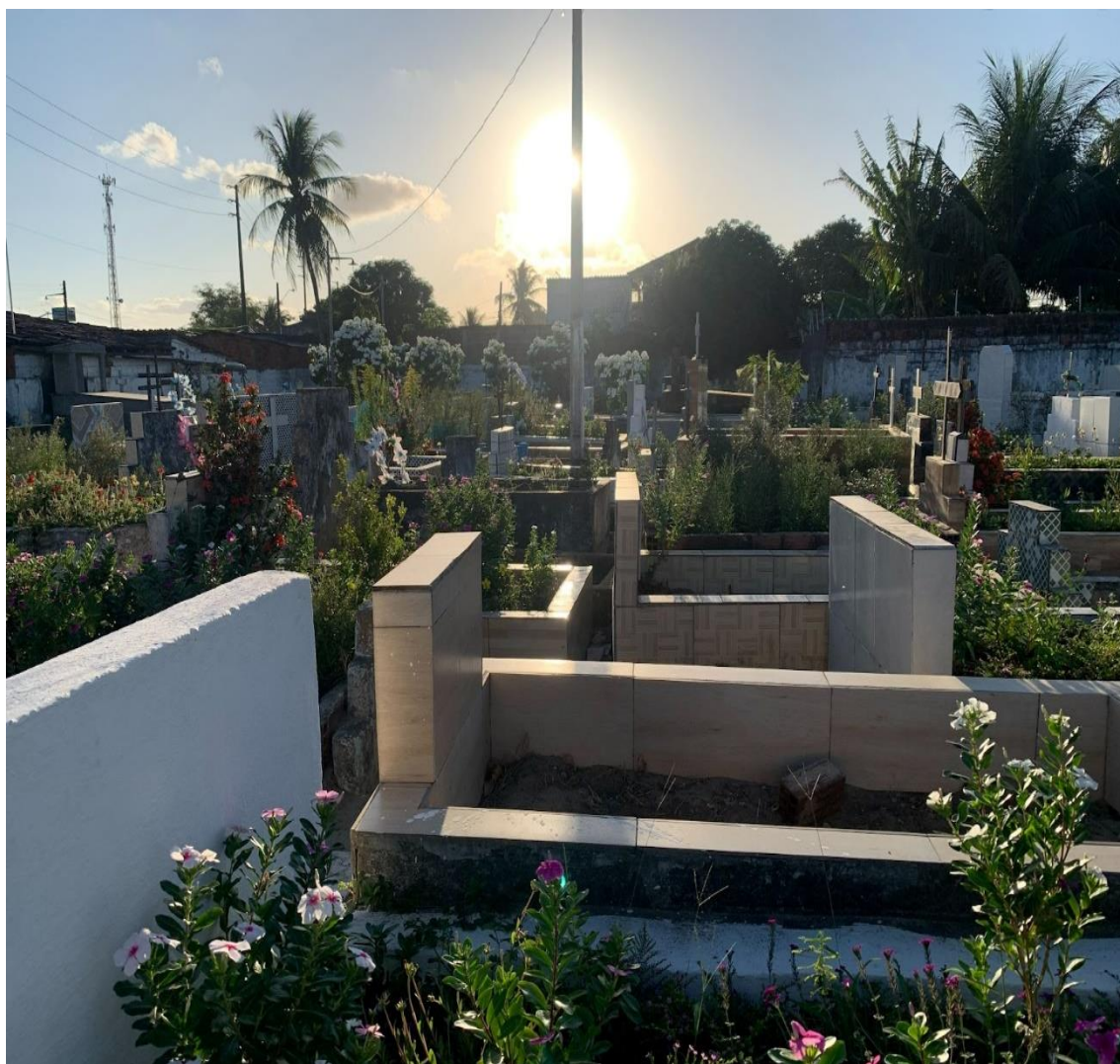


Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Os túmulos do cemitério Santo Antônio apresentam, em sua boa parte, boas condições de preservação, onde não se destaca apenas pela conservação de suas estruturas, mas também pela presença de elementos naturais em seu entorno. Os mesmos apresentam materiais diferentes em suas construções como cerâmicas, granito e mármore, que suportam melhor a ação do tempo, evitando desgastes significativos.

Na maioria dos túmulos é observado a presença de plantas ao redor e também por cima das sepulturas, isso resulta em um aspecto mais harmonioso ao ambiente, demonstrando que o local recebe atenção contínua de familiares e da comunidade. O cultivo de flores e a manutenção regular das lápides indicam não apenas o zelo individual, mas também um senso coletivo de valorização do cemitério como um espaço de memória.

Foto 15: Túmulos do Cemitério Santo Antônio



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Foi observado que a vegetação presente nesses túmulos transforma o espaço em um ambiente mais sereno e acolhedor. Árvores e arbustos proporcionam sombra e frescor, criando uma atmosfera de tranquilidade, enquanto flores e plantas cultivadas pelos familiares/visitantes trazem um toque de vida e cor ao cemitério.

Essa harmonia entre a preservação dos túmulos e a presença da natureza suaviza a sensação de luto, permitindo que o local se torne um espaço de contemplação e respeito à memória dos falecidos. Dessa forma, os túmulos bem preservados, aliados à vegetação ao seu redor, não apenas mantêm seu valor simbólico e documental, mas também contribuem para um ambiente mais humanizado.

3.5 ANEXO DO CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO

O Anexo do Cemitério Santo Antônio, localizado na parte de trás do cemitério principal, rua Pedro Balbino Ribeiro, S/n - Qd. 02 Lt. 16 também no bairro de Várzea Nova. O anexo foi construído com o objetivo de ampliar o espaço para novos sepultamentos, atendendo à crescente demanda da população local.

Assim como os anexos dos cemitérios Santana I e Santa Almas do Purgatório, essa expansão foi necessária devido ao aumento populacional da região e à limitação da área disponível no cemitério Santo Antônio. Esta construção do pequeno e improvisado anexo, aconteceu na gestão do prefeito Emerson Panta, em 2019. Sobre esta prática, Maria Borges (2008, p.467) adverte que;

Normalmente este tipo de túmulo aparece nos cemitérios quando o mesmo sofre de superlotação, isto é, quando surge à necessidade de ampliação do espaço físico e os administradores ampliam o local de forma improvisada atendendo as necessidades das famílias menos abastadas.

Foto 16: Frente do Anexo do Cemitério Santo Antônio



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

A ampliação visa evitar a superlotação do espaço e garantir que a organização dos sepultamentos seja mantida ao longo do tempo, proporcionando um local digno e ordenado para as futuras gerações. A criação de anexos pode ser considerada como sendo uma ação paliativa, instantânea, mas que não resolve o problema de superlotação dos cemitérios, uma realidade brasileira. Os cemitérios públicos são estruturas arcaicas, sem planejamento estratégico a longo prazo, sem contar com o crescimento populacional e naturalmente com o aumento da taxa de mortalidade. Sem contar com as tragédias naturais, com as epidemias e com o aumento de mortes decorridos de ações violentas acidentais e criminosas.

Os cemitérios revelam muito da própria organização administrativa das cidades brasileiras, um reflexo da falta de planejamento urbanístico, da falta de criatividade, de um desenvolvimento sustentável das cidades. Parece mesmo que a cidade das pessoas

mortas são continuidades das cidades das vivas, os cemitérios são estruturas administrativas vivas, tem vida nos cemitérios também.

Com a criação do anexo do cemitério Santo Antônio, foi dada continuidade na administração do mesmo, ficando na rua de trás dele, unificando-os pelos fundos, sem muro, onde a conservação dos túmulos como documentos arquivísticos e patrimônios culturais. No anexo já possui novas sepulturas incorporadas de maneira harmoniosa, evitando o risco de superlotação e desordem, trazendo a reflexão da importância do cemitério como um local de memória, reflexão e preservação da história do bairro.

Michel Foucault (2008) disse que “O arquivo define um nível particular: o que de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados, como tantos acontecimentos regulares”. Esta multiplicidade mencionada por Michel Foucault, tira a Arquivologia e os arquivos, do lugar comum, abrindo possibilidades para se pensar em arquivos de uma forma mais dinâmica, ampla, assim como as tipologias documentais.

Sobre a memória dos arquivos, Utrant Silva (2017, p. 100) diz que: “Com relação ao aspecto da memória, é importante salientar o destaque dado individualmente para cada tipologia documental, sua afinidade com os registros de memória individual e coletiva.” Utrant Silva pesquisou sobre os documentos, restos humanos do Instituto de Medicina Legal da Paraíba, trazendo, abrindo olhares inéditos sobre o conceito de documentos, detentores de dados que podem se transformar em informação arquivística, assim como os túmulos dos cemitérios, dentre outros objetos.

3.6 CEMITÉRIO SÃO JOSÉ DE ARIMATÉIA

O Cemitério São José de Arimatéia, localizado na rua Etelvino Eugênio de Souza, num loteamento no bairro de Tibirí II, é um espaço estruturado e de fácil localização, desempenhando um papel importante para as pessoas moradores da região que congrega um agrupamento de bairros vizinhos como Marcos Moura, Heitel Santiago, Plano de Vida e outros loteamentos. Apesar de contar com um bom espaço interno, o cemitério enfrenta a falta de calçamento, o que pode dificultar a locomoção e afetar a organização interna do local. O cemitério foi construído no final da gestão do prefeito usineiro Marcus Odilon (1992) e inaugurado no início da gestão do médico Oildo Soares (1993). A presença de algumas árvores contribui positivamente para o ambiente, proporcionando sombra e um clima mais agradável para as pessoas visitantes. Essas características fazem do Cemitério

José de Arimatéia um local de grande importância comunitária, apesar dos desafios relacionados à infraestrutura.

Foto 17: Frente do Cemitério São José de Arimatéia



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Os túmulos do cemitério São José de Arimatéia possuem diversidades em suas características como os dos cemitérios anteriores. Alguns também trazem elementos ornamentais, como flores, plantação e placas etc.

Da mesma forma que visualizamos nos cemitérios centrais da cidade de Santa Rita, no cemitério São José de Arimatéia também encontramos a diversidade na preservação de alguns túmulos, reflexo da maneira diferente que a memória é trabalhada, ou até mesmo a falta de importância para a comunidade.

Foto 18: Túmulo Cemitério São José de Arimatéia



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Foto 19: Túmulo Cemitério São José de Arimatéia



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Ao realizarmos uma análise nessas imagens, verificamos dois túmulos que demonstram estruturas e características diferentes, o que impacta diretamente na conservação da memória das pessoas sepultadas. Na primeira imagem, visivelmente bem cuidado, demonstra o zelo de familiares ou até mesmo da própria comunidade. O uso também de materiais resistentes como granito, garantem sua durabilidade e a legibilidade das informações nele contidas, assegurando que a memória do falecido seja preservada de forma clara e respeitosa.

Já o segundo túmulo apresenta sinais de desgaste e deterioração, com inscrições apagadas e elementos decorativos danificados. Apesar de possuir uma estrutura, a falta

de manutenção visível e a ação do tempo resultaram na perda de detalhes importantes, o que pode comprometer a preservação das informações históricas que ele guarda.

Segundo o Blog do Dercio: Prefeitura de Santa Rita inicia obras de ampliação do cemitério de Tibiri II (06/03/2025):

A Prefeitura de Santa Rita, através da Secretaria de Infraestrutura (SEINFRA-SR) deu início as obras de ampliação do cemitério público de Tibiri II. A iniciativa atende a uma recomendação do Ministério Público do Estado, em virtude do aumento das mortes causadas pelo coronavírus.

De acordo com o secretário da SEINFRA-SR, Klelyson Leite, a área terá acréscimo de 500m², onde serão colocados 100 novos túmulos. Dos sete cemitérios localizados na cidade, o de Várzea Nova também ganhou mais espaço para sepultamentos.

“Uma área que vai ser ampliada em torno de 500m² para melhor acomodar a situação hoje lá, inclusive em atendimento a recomendações do Ministério Público”, declarou o secretário.

Fonte: <https://dercio.com.br/prefeitura-de-santa-rita-inicia-obras-de-ampliacao-do-cemiterio-de-tibiri-ii/>

A notícia acima reforça a existência de um velho problema para a administração municipal em relação a gestão dos cemitérios da cidade. A matéria publicada aos 6 de março de 2025, na gestão do atual prefeito Jackson Alvino (2025-2028), mostra que os problemas de superlotação persistem, assim como a falta de uma política pública de estado para se resolver, buscando sempre o poder público, fazer ações paliativas.

3.7 CEMITÉRIO DA ELEVAÇÃO

O Cemitério da Elevação está localizado na rua Projetada IV em Cicerolândia, na zona rural de Santa Rita. O cemitério foi construído em 2006, na gestão do prefeito Marcus Odilon. Trata-se de um espaço simples e afastado, integrado à paisagem característica da zona rural. Possui uma área considerável para sepultamentos, o solo de terra batida e a disposição modesta dos túmulos refletem a simplicidade e a tradição da comunidade local.

As sepulturas, muitas vezes marcadas por cruzeiros de madeira ou pequenas lápides, evidenciam a influência da cultura rural na preservação da memória dos (das) antepassados (das). O ambiente tranquilo, cercado por vegetação nativa e pelo som do vento, reforça o caráter respeitoso e de contemplação.

Foto 20: Frente do Cemitério da Elevação



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Foto 21: Túmulos do Cemitério da Elevação



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Diante da imagem, podemos verificar que os túmulos do Cemitério da Elevação refletem a simplicidade e identidade cultural da comunidade. A maioria das sepulturas apresenta estruturas semelhantes, com lápides modestas e cruzeiros de madeira, demonstrando um padrão visual, ou seja, nada comparado com os grandes cemitérios do centro da cidade.

Essa semelhança estrutural, no entanto, não significa uma padronização da memória, pois cada túmulo carrega consigo histórias individuais, pois representa a trajetória de cada pessoa e a memória que deixou para a família e para a coletividade. A similaridade na construção das sepulturas pode ser vista como um reflexo da coletividade e dos costumes locais, onde os ritos funerários seguem tradições transmitidas ao longo das gerações, mas também diz muito do poder aquisitivo das famílias.

A padronização dos túmulos não impede a preservação da memória, pois algumas características específicas de cada um, tornam-se registros permanentes que resistem ao tempo. Além disso, a própria disposição dos túmulos e os cuidados dados a eles pela comunidade revelam uma forma de manter viva a lembrança/memória das pessoas falecidas. E assim, mesmo sem monumentos grandiosos, a simplicidade dos túmulos não apaga o passado, mas reforça a importância da preservação da memória por meio da materialidade e do respeito àqueles que partiram.

O Cemitério da Elevação, sua falta de infra-estrutura reflete as condições do bairro que tem ainda muitas casas construídas de taipa e quase nenhuma rua pavimentada, com pouquíssimos equipamentos públicos. Este bairro fica no extremo da cidade, próximo às cidades de João Pessoa e do Conde, numa área muito rica em recursos hídricos minerais, com um grande cultivo do abacaxi para a exportação e uma população extremamente empobrecida, desassistida, esquecida. Talvez seja o cemitério o único lugar de memória do bairro, das tristes memórias de abandono social.

3.8 CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O Cemitério São Francisco de Assis está localizado na rua Projetada, 842 no povoado Ribeira de baixo, zona rural da cidade, às margens do rio Paraíba e cercado pela vegetação característica da região. Possui um acesso um pouco difícil, devido a falta de sinalização. Assim como o Cemitério da Elevação, possui o solo batido, uma estrutura simples e não tendo um espaço extenso para os sepultamentos. O cemitério, apesar de

pequeno, abrigou gerações de famílias que construíram a história da região, sendo um testemunho silencioso da passagem do tempo.

O cemitério da Ribeira é muito antigo, com inscrições nos túmulos de pessoas que morreram há muitas décadas inclusive na década de 1950, porém, muito esquecido, mesmo estando próximo a um dos maiores pontos turísticos da cidade, a praia fluvial de Forte Velho e do monumento do Mirante do Atalaia.

Foto 22: Frente do Cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Dentre todos os cemitérios pesquisados, este foi um dos casos mais emblemáticos, enigmático, difícil de decifrar. Em consulta ao senhor Denival Soares da Divisão de Cemitério da Prefeitura de Santa Rita, o mesmo não conseguiu encontrar documentação quanto a origem deste cemitério e na pesquisa bibliográfica também não encontramos nenhum registro, nem fotografias antigas. Também não existe uma placa de fundação no muro dele e a vizinhança que mora um pouco próximo não sabe informar em qual gestão ele foi construído. Outrossim, encontramos um vídeo no Youtube⁴ sobre curiosidades que registrou este cemitério.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=gazI3UiPO5I>

Uma das hipóteses por nós levantadas, é que ele pode ter sido uma construção particular, mas não conseguimos comprovar totalmente esta premissa. Sabemos que fica numa área próxima ao rio Paraíba, que existe uma família tradicional local de sobrenome Maul de Andrade⁵, que tem várias pessoas desta família enterradas neste cemitério, que existem escolas nas redondezas com nomes de pessoas desta família, a exemplo das escolas municipais Gibson Maul de Andrade em Bebelândia e Zulmira Maul de Andrade próxima ao cemitério São Francisco, mas essas informações não são suficientes para elucidarem a questão.

Em conversa informal com pessoas da família Maul de Andrade, o senhor Edmirson Maul de Andrade, com aproximadamente 90 anos, disse que este cemitério é centenário, que antes da sua construção, as pessoas se enterravam em Livramento, no cemitério de mesmo nome. Segundo o mesmo, o seu tio, o senhor Humberto Maul de Andrade que era poeta, doou o terreno para a prefeitura construir o cemitério para atender as pessoas da comunidade, porém ele não lembra qual foi a gestão. Existe uma rua com o nome do senhor Humberto no bairro de Paratibe em João Pessoa.

Em relação aos túmulos do São Francisco de Assis, pode ser verificado que logo na entrada existem túmulos idênticos, pintados de branco e que existem pequenas diversidades na estrutura e características. Alguns são simples, com cruzes de madeira ou pedras rudimentares, enquanto outros, um pouco mais elaborados, exibem lápides de cimento ou mármore com inscrições feitas.

Foto 23: Cruz do túmulo do cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

⁵ <https://www.memoriadefamilia.com.br/index.php?apg=arvore&idp=4843&ver=por>

Em pesquisa a túmulo por túmulo, verificamos jogada num canto do cemitério esta cruz com informações sobre a falecida: Maria do Carmo da Silva, nascida em setembro de 1918 e falecida em 22 de abril de 1945, ou seja, o túmulo identificado mais antigo que encontramos. Neste ano, Santa Rita era administrada pelo interventor João Raposo Filho, segundo Martha Falcão Santana (1990 ,p.313)

Foto 24: Túmulos do Cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

As variações nas construções, seja pela diferença de materiais, tamanhos ou adornos, refletem as histórias e as origens distintas de quem está sepultado, tornando o cemitério um verdadeiro mosaico de memórias. Cada túmulo, com suas particularidades, funciona como uma testemunha silenciosa da passagem do tempo e da diversidade da comunidade local.

A variedade nas formas e materiais dos túmulos também está ligada aos recursos e ao significado/importância da memória, que cada família atribui ao sepultamento, criando um panorama visual e simbólico que narra as diferenças e semelhanças de uma comunidade. Com isso, cada túmulo, com sua particularidade, ajuda a construir a memória coletiva da região, preservando a identidade e os valores que perduram através do tempo.

Para Aleida Assmann (2009, p. 37): “A memória cultural tem como seu núcleo antropológico a memorização dos mortos. Isso significa que as pessoas de uma família devem guardar na memória os nomes dos seus mortos e eventualmente passa-los a gerações futuras.” Sobre a afirmação de Aleida Assmann (*idem ibidem*), podemos constatar em loco, como a maioria dos túmulos dos cemitérios de Santa Rita existem dados sobre as pessoas falecidas como nomes, datas de nascimento e de óbito, epitáfios, fotos, adornos como imagens de santas (os), cruzeiros, grinaldas de flores, vasos, plantas artificiais e naturais cultivadas com regas, podas e demais cuidados etc.

A memória é preservada e repassada por gerações numa ação consciente ou apenas por repetição, tradição, mas preservada. O cemitério tem documentos/monumentos que recontam histórias através da preservação da memória local.

3.9 CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

O Cemitério Nossa Senhora do Livramento está localizado na rua São José, 112 no Distrito de mesmo nome, zona rural da cidade. Ele mantém uma estrutura simples e modesta, semelhante aos outros cemitérios da região. Sobre as origens do cemitério, assim como o São Francisco em Ribeira, não conseguimos encontrar nenhum registro documental na prefeitura e nem uma citação em pesquisas sobre a história de Santa Rita. Embora tenhamos recebido informações de que a construção deste cemitério precede a do São Francisco de Assis na Ribeira, aqui o túmulo mais antigo que encontramos foi datado em 1955. Segundo Martha Falcão Santana (1990, p. 313) neste ano quem

administrava Santa Rita era o prefeito João Crisóstomo Ribeiro Coutinho, da oligarquia usineira. Ainda sobre o distrito, Maria Sousa (2010, p.19-20) afirma que ele:

[...]situa-se no nordeste do município de Santa Rita e compreende as seguintes localidades: ilha do Stuart, sitio Portinho, ilha Tiriri, sitio Galé e sitio Utinga. Em relação ao processo de ocupação da comunidade Nossa Senhora do Livramento, constatou-se através da pesquisa de campo que a maioria reside na comunidade antes mesmo dela ser instituída pela lei estadual nº. 169, de 5 de novembro de 1948, denominada definitivamente pelo nome Nossa Senhora do Livramento.

Quanto a distribuição da população do distrito, Maria Sousa (2010, p.20) garante que:

[...]A maioria vivendo direta ou indiretamente da pesca ou da mariscagem. Está distribuída entre o povoado e a sede e localiza-se a cerca de 50 m do nível do mar, de onde se pode observar e contemplar o perfil urbano da cidade de João Pessoa, capital do Estado, como também as praias fluviais da Ribeira, Forte Velho e as ilhas de Stuart e Tirirí, pertencentes ao município de Santa Rita.

A partir das informações da autora supracitada, podemos entender que o Distrito de Nossa Senhora do Livramento é um bairro da zona rural muito peculiar, onde a comunidade trabalha no cultivo da cana de açúcar, do abacaxi, na agricultura de subsistência, mas também em atividades pesqueiras, uma vez que se encontra inserida próxima a uma praia fluvial, Forte Velho.

Foto 25: Frente do Cemitério Nossa Senhora do Livramento



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Quanto ao cemitério, constatamos que o espaço é marcado por um grande número de túmulos, todos dispostos de forma organizada em um terreno de solo batido. Cercado por imponentes árvores e vegetação típica da área rural, o cemitério exibe uma paisagem tranquila, que transmite um senso de paz e respeito. A preservação do local, em meio à vegetação, mantém viva a conexão entre as pessoas vivas e as mortas, perpetuando a memória e a identidade da comunidade.

Os túmulos do Nossa Senhora do Livramento, em sua maioria, seguem um padrão de características similares, com estruturas simples e modestas, que assim como os outros cemitérios rurais, reflete o status social e também a tradição e a identidade da comunidade local. A presença de plantas nas sepulturas, muitas vezes cultivadas por familiares, confere um toque pessoal e simbólico a cada túmulo, criando um ambiente natural que reverbera o cuidado e o respeito pelas pessoas falecidas.

Foto 26: Túmulos do Cemitério Nossa Senhora do Livramento



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Considerando o túmulo como um documento arquivístico, ele se torna um meio de preservação da memória, pois carrega informações que perpetuam as histórias e os legados de cada pessoa, que segundo José Maria Jardim (1995, p. 4):

A memória assim registrada e conservada constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos. A vida mesma não existiria - ao menos sob a forma que nós conhecemos - sem o ADN, ou seja, a memória genética registrada em todos os primeiros arquivos.

As atividades humanas que o autor propõe, podem estar na simplicidade das sepulturas, junto à presença da vegetação, não só representa uma forma de manter a memória viva, mas também cria um elo entre as pessoas vivas e as mortas, entrelaçando a memória pessoal com a memória coletiva da comunidade. Cada túmulo, portanto, serve como uma cápsula do tempo, onde o passado é preservado e a memória é transmitida para as gerações futuras, garantindo que suas lembranças sejam transmitidas ao longo dos anos.

3.10 CEMITÉRIO SÃO JOSÉ- LEROLÂNDIA

Sobre a história de Odilândia, Eduardo Lima (1984) assevera que: “No final da década de 70, foram criados no município de Santa Rita três aglomerações rurais denominadas de “Núcleos de Urbanização Rural: Lerolândia, Odilândia e Bebelândia”.

O Cemitério São José, localizado no município de Lerolândia, na zona rural de Santa Rita, é um espaço que reflete a simplicidade e a serenidade típicas dos cemitérios rurais da cidade. Situado às margens da PB 025 com destino a praia de Lucena, uma localização de fácil acesso, tornando-o um ponto de referência importante para a região, especialmente por ser uma das primeiras construções do município. O cemitério possui uma estrutura organizada e preservada, mas, com o passar do tempo, aparenta não ter muito espaço disponível para novos sepultamentos. Apesar disso, o Cemitério São José permanece como um marco histórico, principalmente na salvaguarda das memórias e tradições da comunidade, sendo um local de grande valor cultural e simbólico para os moradores de Lerolândia.

Foto 27: Frente do Cemitério São José



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Martha Falcão Santana (2023, p.187) referindo-se a gestão do prefeito Antônio Teixeira, informa que ele: “Cumprindo promessa de campanha, inaugurou mais dois cemitérios: O São José, em Jacaraúna hoje, Lerolândia) e o de Várzea Nova”. Como o povoado estava em fase inicial de habitação por pessoas vindas de outras cidades e mesmo de Santa Rita, a distância para o centro da cidade era um grande problema para os sepultamentos das pessoas que em sua maioria eram trabalhadoras da cana de açúcar ou estavam na informalidade, dificultando o acesso aos cemitérios, motivo pelo qual o prefeito Antônio Teixeira priorizou a construção do São José, em 1972, em seu segundo mandato como consta na velha e desgastada placa na entrada do cemitério.

Foto 28: Frente do Cemitério São José



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

No Cemitério São José, os túmulos também apresentam características semelhantes às encontradas em outros cemitérios da zona rural da cidade, com estruturas predominantemente de alvenaria (tijolos). A simplicidade desses túmulos é suavizada pela presença de plantas e grinaldas de flores e pela pintura á cal, que simbolizam o esforço contínuo da comunidade em manter viva a memória das pessoas falecidas.

Foto 29: Túmulos do Cemitério São José



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

A manutenção cuidadosa dos túmulos é um reflexo do zelo da população local, que preserva esses espaços com carinho e respeito. A aparência bem cuidada das sepulturas destaca-se no ambiente, transmitindo a sensação de que, mesmo no luto, há um compromisso com a memória e com a identidade das gerações passadas.

Essa prática de cuidado constante não só mantém os túmulos em bom estado, mas também fortalece o vínculo afetivo e cultural da comunidade com os que ali residem, consolidando o cemitério como um verdadeiro repositório de história e tradição. A presença das flores e plantas, além de embelezar o espaço, reforça a ideia de que a memória, embora silenciosa, continua a florescer nas ações cotidianas da comunidade, perpetuando o legado das pessoas falecidas.

3.11 CEMITÉRIO PARQUE CAMPO DAS PALMEIRAS (PRIVADO)

O Memorial Ecológico Parque Campo das Palmeiras, é um cemitério da iniciativa privada, localizado na região da Mumbaba em Santa Rita e foi construído em 2020. Com um espaço que alia respeito à memória e sustentabilidade, criando um ambiente de serenidade e preservação ecológica. De acordo com Marcelina Almeida (2016, p. 218):

Na contemporaneidade, não é mais hábito investir na confecção de túmulos grandiosos como os de outrora, predominando a lápide simples de granito com o nome do falecido e, às vezes, uma cruz encimando sua cabeceira. Na realidade, é possível verificar a opção pelo afastamento deste tipo de cemitério, na medida em que ocorre um deslocamento da preferência para outros tipos de sepultamento ou destinação dos falecidos, a exemplo dos cemitérios parques e do uso crescente da cremação.

Correspondendo a perspectiva de Marcelina Almeida (2016), o cemitério Parque se integra harmoniosamente à natureza, utilizando materiais sustentáveis na construção de seus túmulos, pelo fato que o mesmo é rodeado por jardins, árvores e plantas. O Memorial Ecológico se destaca como um modelo de cemitério que, além de ser um local de recordação, também contribui ativamente para a preservação do meio ambiente, promovendo um descanso em harmonia com a natureza.

Foto 30: Frente do Cemitério Parque Campo das Palmeiras (PRIVADO)



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

Foto 31: Parte interna do Cemitério Parque Campo das Palmeiras (PRIVADO)



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

A criação do Memorial Ecológico Parque Campo das Palmeiras surge como uma resposta ao crescente problema de falta de vagas nos cemitérios públicos tradicionais. Com o aumento da população e a escassez de espaços nos cemitérios já existentes, muitos locais enfrentam dificuldades para atender à demanda por sepultamentos. Diante disso o Memorial Ecológico propõe uma gestão mais eficiente dos espaços disponíveis, com práticas seguras que garantem a conservação e o bom uso dos recursos naturais, aliviando

a pressão sobre os cemitérios públicos e oferecendo uma alternativa mais respeitosa tanto para a memória quanto para o meio ambiente. Apesar de ser a recente a sua instalação, já existem pessoas sepultadas neste suntuoso cemitério.

Um dado importante é que estes projetos modernos de cemitérios já se autointitulam como memoriais, ao contrário dos antigos, embora ambos sejam espaços de memória que guardam diversos documentos além de corpos e restos mortais.

3.12 CEMITÉRIO DA MUMBABA (ABANDONADO): UM PORTÃO ABERTO É UM CONVITE A PESQUISA.

Localizado na região conhecida como Mumbaba dos Peninchos, na cidade zona rural da cidade, encontra-se um cemitério abandonado, conhecido como Cemitério da Mumbaba. De acordo com o Dicionário Informal⁶, a palavra Mumbaba significa: “1. Povoado no município de Sobral (vide), no estado do Ceará. 2. Rio afluente da margem esquerda do rio Gramame (vide), no estado da Paraíba” e segundo Silveira Bueno (1857, p.452) com o Dicionário Tupi Guarani-Português, a palavra significa: “Mumbaba e Mamuaba – Lugares e rios do mesmo nome na Paraíba do Norte”. Quanto a palavra Peninchos, não conseguimos encontrar em nenhum dicionário.

Foto 31: Frente do Cemitério Abandonado



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024

⁶ <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mumbaba/25926/>

A única referência sobre este cemitério que encontramos foi no livro de Martha Falcão Santana (2023, p.35), onde a autora ao reportar-se as ações realizadas na gestão do prefeito Antônio Teixeira, estavam elencadas as seguintes:

[...]Ampliar o cemitério Santana e construir os de Várzea Nova e Mumbaba. Drenar e calçar toda cidade baixa, duplicar as matrículas da rede municipal, incrementar a rede hospitalar mediante convênios com instituições pessoenses, modernizara a coleta de lixo e iniciar, em combinação com a igreja, ativo programa de casas populares, acompanhado de galerias pluviais nas áreas mais pobres.

A região de Mumbaba dos Peninchos fica num local muito distante do centro de Santa Rita, fazendo fronteira com a cidade de João Pessoa, rodeada por mata atlântica e sempre teve pouquíssimas residências nas terras da família agropecuarista Rangel⁷ e Santiago, fusão do casamento de pessoas de ambas as famílias latifundiárias no município.

O local, agora desolado e negligenciado, ainda abriga túmulos que datam do período de sua atividade. Alguns desses túmulos, embora deteriorados pelo tempo, demonstram sinais de cuidados, como flores secas ou vestígios de manutenção, indicando que, para algumas pessoas, a memória e o respeito pelos falecidos ali sepultados permaneceram vivos.

Em visita realizada ao local ainda em fins de 2016, encontramos túmulos preservados com dados, datas de sepultamento de pessoas nascidas no século XIX, próximo da abolição da escravidão, algumas que faleceram em 1999, provavelmente tenham sido os últimos enterros no cemitério fantasma, conforme imagem abaixo:

⁷ <https://www.pbagora.com.br/noticia/paraiba/faleceu-neste-sabado-o-procurador-de-justica-eurico-rangel/>

Foto 33: Lápides de túmulos-2016



Fotografo: Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita (2016)

Foto 34: Túmulos do Cemitério Abandonado



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

Essa persistência no cuidado reflete a ideia de que, mesmo diante do abandono do cemitério, os túmulos continuam sendo um patrimônio simbólico, um vínculo entre o passado e o presente, preservando não apenas a história de uma família ou comunidade, mas também a memória coletiva. Esses túmulos, ao resistirem ao esquecimento, tornam-se testemunhos do valor da memória como patrimônio, destacando a importância de manter viva a história de cada pessoa, mesmo em espaços esquecidos.

4. “NO FIM TUDO DÁ CERTO E SE NÃO DEU CERTO, É POR QUE NÃO CHEGOU AO FIM”⁸: CONSIDERAÇÕES PÓS-MORTE

Ao concluir este trabalho, é possível fazer uma retrospectiva da caminhada acadêmica que culminou nesta pesquisa. A escolha pelo tema envolvendo túmulos cimiteriais como documentos arquivísticos surgiu da inquietação em olhar para além dos arquivos tradicionais e perceber a informação e a memória presentes em espaços que, à primeira vista, parecem alheios à Arquivologia. Essa trajetória foi marcada por descobertas, aprofundamentos teóricos e pela percepção de que o campo arquivístico possui uma amplitude que ainda está em constante construção.

Durante o desenvolvimento do trabalho, foi comum deparar-nos com olhares desconfiados e até mesmo com um certo preconceito em relação ao tema escolhido. Muitas vezes, associa-se a proposta de cemitérios a algo místico, mórbido ou alheio à seriedade acadêmica. No entanto, foi justamente esse estranhamento inicial que revelou o quanto é necessário ampliar os horizontes da ciência arquivística e compreender que os suportes documentais podem assumir formas diversas, inclusive aqueles presentes nos túmulos, que carregam consigo dados, símbolos, narrativas e elementos de identificação individual e coletiva.

A realização da pesquisa de campo foi por demais trabalhosa, uma vez que não existe ainda na cidade um Arquivo Público Municipal, um Arquivo dos Prefeitos, a exemplo do fundo arquivístico dos Governadores da Paraíba na Fundação Casa de José Américo. Em relação a documentos da cidade de Santa Rita, temos poucas opções de arquivos para realizar pesquisas, pois não existindo um arquivo municipal, não se tem como alimentar arquivos estaduais. Não a um banco de dados institucional na cidade. Temos o Colégio e Curso José Américo de Almeida⁹, localizado na rua de mesmo nome no centro da cidade, de propriedade da senhora Neves Vasconcelos, que detêm um acervo iconográfico riquíssimo sobre a memória de Santa Rita, bem como algumas pessoas têm seus arquivos privados pessoais, geralmente com formação em História ou pessoas de famílias tradicionais que conservam os arquivos privados pessoais.

O balanço geral do trabalho é positivo. Os objetivos propostos foram alcançados, e foi possível demonstrar que os túmulos funcionam como registros permanentes de informações relevantes para a memória, para a história e para a identidade social. Além

⁸ <https://www.pensador.com/frase/MTQxNDQ2/>

⁹ <https://www.instagram.com/ccjaaoficial?igsh=cHc5bW5xNWttNWly>

disso, este trabalho contribuiu para desmistificar o olhar sobre os cemitérios, propondo um reconhecimento desses espaços como verdadeiros repositórios de memória.

Como perspectiva futura, acredita-se que este estudo possa fomentar novas pesquisas que tratem da documentação funerária com ainda mais profundidade e diversidade. Há um campo fértil a ser explorado, tanto em termos acadêmicos quanto em ações práticas, como projetos de extensão universitária e ações educativas voltadas à valorização da memória local.

Esta pesquisa pode servir como insumo para que as Secretarias municipais de Administração e de Cultura de Santa Rita, possam pensar, se possível, coletivamente, num projeto com uma ação intersetorial ou transversal onde se possa criar um sistema de informação sobre os cemitérios da cidade onde o produto pode ser um catálogo virtual, um inventário dos cemitérios ou mesmo um site com visitas guiadas para que as pessoas que não morem na cidade possam conhecer esses espaços de memória, outras podem revisita-los. Este produto pode otimizar significativamente a gestão dos cemitérios, servindo como um banco de dados que deve ser atualizado sempre que preciso com informações sobre os túmulos, as pessoas responsáveis por eles, seus dados atualizados e alguns serviços que possam ser solicitados virtualmente.

Por fim, é importante ressaltar o valor pessoal e acadêmico desta pesquisa. Enfrentar um tema pouco convencional, lidar com resistências e, ainda assim, produzir um trabalho coerente, fundamentado e socialmente relevante, representa um amadurecimento enquanto estudante de Arquivologia e cidadão santa-ritense, interessado na preservação da memória. Ao dar visibilidade a fontes de memória historicamente marginalizadas, reafirma-se o compromisso ético e profissional com a preservação da diversidade documental, da identidade cultural e da história dos sujeitos que compõem o tecido social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Francisco de Paula Melo. **A igreja do Rosário dos Pretos**. Recanto das Letras.Com.br. 2013. Disponível em:

<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4388417>. Acesso em abril de 2025.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2009.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **A cidade e o cemitério**: uma experiência em educação patrimonial. *Revista M. Rio de Janeiro*, v. 1, n. 1, p. 217-234, jan.-jun. 2016. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8118/6993>. Acesso em abril de 2025.

ARAÚJO, Rachel da Silva. **Tem lugar para nós [manuscrito]: Um retrato das covas rotativas nos cemitérios de João Pessoa na busca pela informação do outro lado do arquivo**. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas. CCBSA. 2018.47 p.:il, colorido. Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/24038/PDF%20-%20Rachel%20da%20Silva%20Ara%20c3%20bajo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em abril de 2025.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia**

Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p.

Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionrio_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em abril de 2025

BASQUES, Cristiane; RODRIGUES, Georgete Medleg. **A proteção do patrimônio arquivístico brasileiro: um estudo das ações do Ministério Público Federal**.

Informação & Sociedade: Estudos, v. 24, n. 3, 2014. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/BRAPCI/93092>. Acesso em janeiro de 2025

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Disponível em:

<https://tecnologiamidiaeinteracao.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>. Acesso em janeiro de 2025

BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4.

ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/arquivos-permanentes-tratamento-documental-heloisa-liberalli-bellotto-pdf-free.html>. Acesso em janeiro de 2025.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/matc3a9ria-e-memc3b3ria.pdf>. Acesso em janeiro de 2025.

BEZERRA, F. M. P.; BEZERRA, J. F. P. **Arquivo de cemitério: fonte viva de informação**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25, 2013. Anais... Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11667>. Acesso em novembro de 2024.

BISCOLI, Fabiana Regina Veloso. **Apostila da disciplina de gestão de documentos**. Toledo, 2008. Apostila digitada.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. 312 p.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em janeiro de 2025.

BORBA, Francisco da Silva (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 1.470 p. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/250982546_Dicionario_UNESP_do_portugues_s_contemporaneo. Acesso em janeiro de 2025.

BORGES, Maria Elizia. **Olhar e contraolhar**: as narrativas da estética popular, da memória e do afeto nas gavetas funerárias no Brasil. 17º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Florianópolis. Anais Panorama da pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis: UDESC, 2008. p. 468-480. Disponível em: <https://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/044.pdf>. Acesso em março de 2025.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani – Português**. Quinta Edição Revista e Atualizada. Brasilivros Editora e Distribuidora Ltda. 1857. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3AAbueno-1987-dicionario/Bueno_1987_DicTupiGuaraniPortugues_pt2_dicGDias%2BToponimos.pdf. Acesso em março de 2025.

CAVAQUINHO Nelson; BRITO, Guilherme de. **Quando eu me chamar saudade** - Composição. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nelson-cavaquinho/198132/>. Acesso em março de 2025.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001198418>. Acesso em abril de 2025.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2018.

DEZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p. Acesso em 25/11/2024. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/863>

DILLMANN, Mauro. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a Irmandade e o Cemitério de São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4048/41.pdf>. Acesso em abril de 2025.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>. Acesso em abril de 2025

DURANTI, Luciana. **Registros documentais contemporâneos como provas de ação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49–64, jan./jun. 1994. Acesso em 23/02/2025. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1976>.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Bastos Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em janeiro de 2025

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alinea, 2001. 80 p. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/373>. Acesso em janeiro de 2025.

GONZALES-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales**. Madrid: Cátedra, 2003. p.44.

GRASSI, Clarissa. ***Cidade dos mortos, necrópole dos vivos***: a Curitiba do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

GRASSI, Clarissa. ***Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula***: arte e memória no espaço urbano. Curitiba: Clarissa Grassi, 2014.

GRASSI, Clarissa. Estudos cemiteriais. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). ***Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural***. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/80/estudos-cemiteriais#:~:text=Os%20estudos%20cemiteriais%20surgem%20como,cemit%C3%A9rios%2C%20campos%20santos%20e%20necr%C3%B3poles..> Acesso em março de 2025.

HALBWACHS, M. ***A memória coletiva***. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE, 2023. Área territorial brasileira 2022. Rio de Janeiro. Censo 2022: População e Domicílios - Primeiros Resultados - Atualizado em 22/12/2023. Disponível em:
<http://ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=acesso-ao-produto&c=2513703>. Acesso em janeiro de 2025.

JARDIM, J. M. ***Invenção da memória nos arquivos públicos***. Ciência da informação, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Acesso em: 02/01/2025. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659/663>. Acesso em fevereiro de 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. ***Pesquisa bibliográfica***. In: _____. ***Técnica de pesquisa***. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. cap. 1, p. 15–3.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 353p Campinas, SP: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios), 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em janeiro de 2025.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994. <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em fevereiro de 2025.

LIMA, Eduardo R. Viana. **Expansão canavieira e transformações no espaço agrário do município de Santa Rita**: O caso do núcleo de urbanização rural de Lerolândia. UFPB, 1984. (Monografia de graduação do curso de bacharelado em geografia) Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22159> . Acesso em: março de 2025.

LIMA, Tânia Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzes e livros**: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, v. 2, jan.-dez. 1994. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/80/estudos-cemiteriais#:~:text=Os%20estudos%20cemiteriais%20surgem%20como,cemit%C3%A9rios%2C%20campos%20santos%20e%20necr%C3%B3poles>. Acesso em fevereiro de 2025.

MARQUES, Célio Henrique Vicente. **A feira livre e o mercado público de Santa Rita - PB**. – João Pessoa, 2014. 57p.: il. – Monografia (Licenciatura em Geografia) Universidade Federal da Paraíba Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/814/1/CHVM02102014.pdf> . . Acesso em março de 2025.

MATHIEU, Jacques, CARDIN, Martine. Jalons pour le positionnement de l'archivistique. In: **La place de l'archivistique dans la gestion de l'information: perspectives de recherche**. Montreal: Université de Montreal, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408P.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p. Acesso em 20/01/2025. Disponível em <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/748>

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. 3. ed. Organização de Marly Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem./1996. Acesso em 20/01/2025. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/phistoria10.pdf>. Acesso em março de 2025.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA Thomas Bruno; Santos, JUVANDI de Souza. **Abrigos rochosos e sepultamentos indígenas no interior da Paraíba, Brasil**. ANAIS do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia Ouro Preto MG, 13-18 de junho de 2017 – Sociedade Brasileira de Espeleologia. Disponível em: https://www.cavernas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/34cbe_587-593.pdf. Acesso em março de 2025.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. **Uma reprodução simbólica do universo social:** Os sepultamentos dos escravos no cemitério dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro dos séculos XVII a XIX. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Nº 1 jun./2008. Disponível em:
<file:///C:/Users/CLIENTE%20INFORMANIA/Downloads/apoena2,+Umareprodu%C3%A7%C3%A3osimb%C3%B3licadouniversosocial.pdf>. Acesso em março de 2025.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

QUADROS, Isabella Pereira Ferreira de. **Dia de muertos:** um olhar brasileiro sobre o patrimônio cultural mexicano. XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas, 2104. Disponível em:
https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/MD_03050.pdf. Acesso em fevereiro de 2025.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos:** tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276 p.: il. - (Coleção Biblioteca carioca; v.43.Série publicação científica). Disponível em:
https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101381/lugares_mortos_cidade_vivo_s.pdf. Acesso em abril de 2025.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. **Nordeste, Açúcar e Poder – Um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba –1920-1962**. João Pessoa: CNPq/ufpb – GRAFSET, 1990.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. **“Santa Rita quase centenária”**. In: Jornal “O Massapê”, ano III, n.17. Santa Rita, março-abril de 1985, p.5-6.

SANTANA, Martha Maria falcão de Carvalho e Moraes. **Tempo de Lembrar**: Antônio Aurélio Teixeira de Carvalho (1912/1981). João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2023. 264 p.:il.

SILVA, Utrant Saturnino. **Arquivo de medicina legal guardião da memória individual e coletiva**: espaço de identificação do aparente não identificável. João Pessoa, 2017. 107 f.: il. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9713?locale=pt_BR. Acesso em março de 2025.

SILVA, Utrant Saturnino; MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **A força da memória no interior dos arquivos de medicina legal**. RACIn, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 086-098, jan./jun. 2020. Disponível em: https://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v8_n1/racin_v8_n1_artigo06.pdf. Acesso em março de 2025.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOUSA, Maria Glória de. **Vida e cotidiano dos pescadores artesanais de nossa senhora do livramento, santa rita, pb**: aspectos gerais e etnoconhecimento. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5880?mode=full&&locale=es>. Acesso em março de 2025.

THOMPSON, Bárbara. **Memória e exaltação da vida no cemitério monumental**. Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 27, n. 03, set/dez 2014, p. 89 – 107. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE%20INFORMANIA/Downloads/sheilakocourek,+artigo+7.pdf>. Acesso em abril de 2025.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional. 1972. 2v.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de milagres**: um estudo sobre arte genuína. Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967.

APÊNDICES

APÊNDICE A FOTO 35 - Túmulo do cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE B FOTO 36 - Tumulo do cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE C FOTO 37 - Tumulo do cemitério Santana I

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE D FOTO 38- Tumulo do cemitério Santana I

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE E FOTO 39 - Tumulo do cemitério Santana I

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE F FOTO 40 - Tumulo do cemitério Santa Almas do Purgatório

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE G FOTO 41 - Parte interna da capela do cemitério Santana I



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE H FOTO 42 - Cruzes para túmulos do cemitério São José de Arimateia



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE I FOTO 43- Túmulo do cemitério São José de Arimateia

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE J FOTO 44 - Túmulo do cemitério da Mumbaba (Abandonado)



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE K FOTO 45 - Túmulo do cemitério da Mumbaba (Abandonado)



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE L FOTO 46 - Parte interna do cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE M FOTO 47 - Túmulo do cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE N FOTO 48 - Parte interna da capela do cemitério Santo Antônio



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE O FOTO 49 - Cruzeiro do cemitério Nossa Senhora do Livramento



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE P FOTO 50 - Cruzeiro do cemitério São Francisco de Assis



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE Q FOTO 51 - Cruzeiro do cemitério Santo Antônio



Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.

APÊNDICE R FOTO 52 - Pesquisa em campo

Fotógrafo: Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, 2024.

APÊNDICE S FOTO 53 - Pesquisa em campo

Fotógrafo: Denilson Rafael da Silva Santos, 2024.